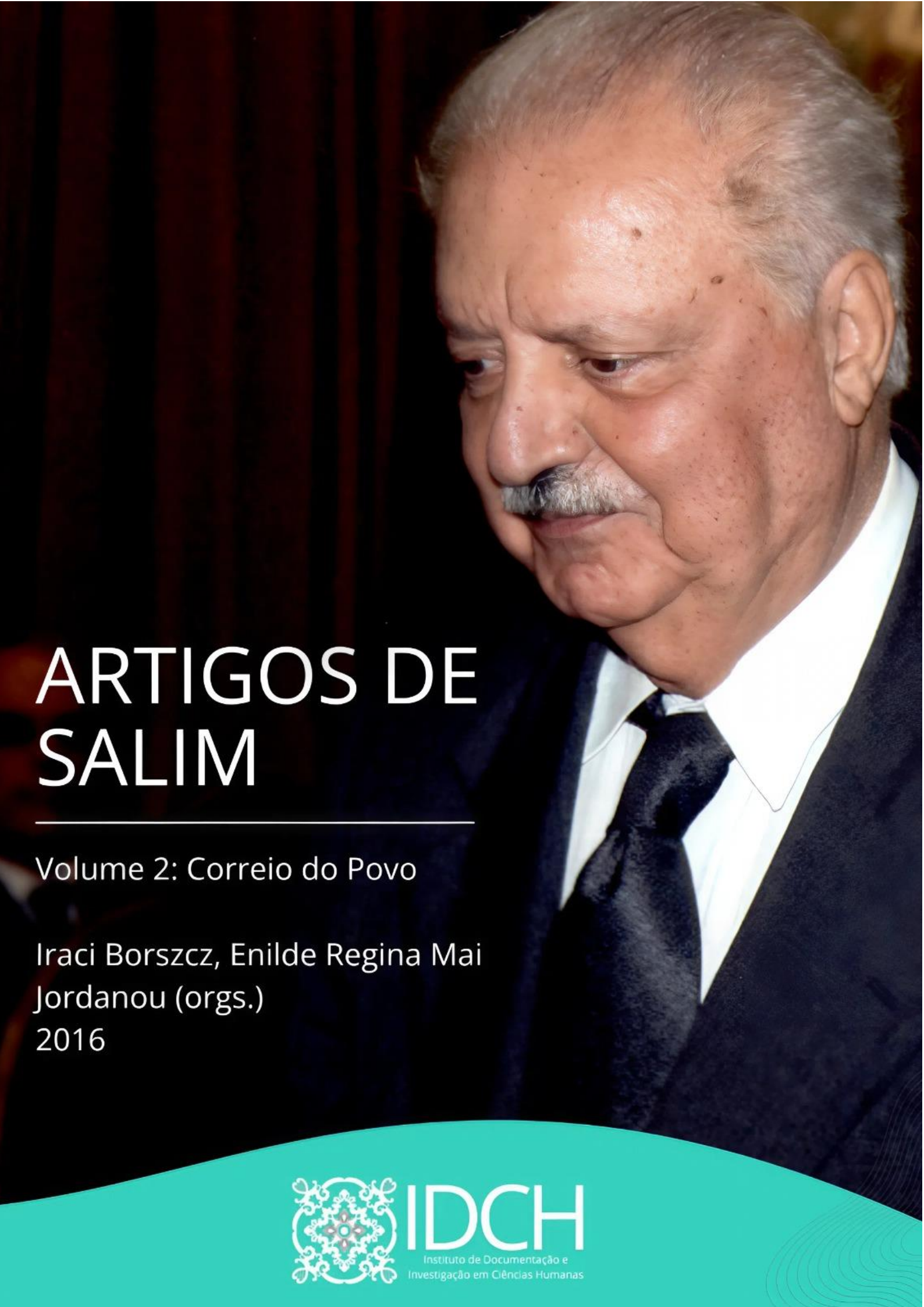


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking downwards and to the left. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 2: Correio do Povo

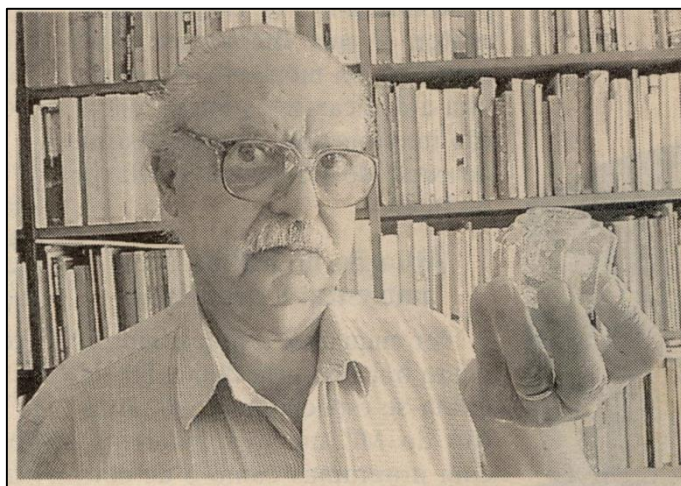
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÉ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas, notas
e comentários

**Volume: 2 – Correio do Povo, Correio dos Livros e
Correio das Artes e Diário Catarinense**

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Sumário

001: Livro a nova vedete	4
002: Marques Rebelo	5
003: Lembranças de Graciliano	7
004: Ficção e poesia em Santa Catarina.....	8
005: Características e ações das editoras de universidades	9
006: Na ficção um testemunho da realidade	10
007: O conto na literatura catarinense	11
008: O conto na literatura catarinense	12
009: Um sombrio e denso retrato de família.....	13
010: Raimundo Magalhães Jr. A última visão	14
011: Cartas ao Correio.....	15
012: Ascendino Leite, escritor	16
013: Relendo Augusto dos Anjos	17
014: Sartre em Florianópolis.....	18
015: Um escritor de ficção	19
016: Um almoço com Zé Lins.....	20
017: Jorge Amado: maior prêmio do escritor é ser lido	21
018: Machado de Assis ontem e hoje	23
019: Ricos e famosos.....	25
020: Um desafio permanente	26
021: Marques Rebelo, o centenário.	27
022: O fanático torcedor do América.....	28
023: Livreiro aprendiz.....	30
024: Editora.....	31
025: Na mesa de cabeceira	32
026: Espero que o próximo ano seja bem melhor para o Brasil... ..	33
Índice	34

001: Livro a nova vedete

MIGUEL, Salim. Livro a nova vedete. Correio do Livro-UFSC. Florianópolis, nov., 1986 e jan., 1987, pag. 05.

LIVRO

a nova vedete

Salim Miguel

Romancista, ensaísta e diretor executivo da Editora da UFSC

Mais de 600 mil visitantes, cerca de 800 mil exemplares vendidos, 150 mil consultas aos computadores instalados no local, 2.346 ônibus transportando quase 250 mil crianças de São Paulo, Rio, Paraná, Santa Catarina, 650 autografadores deixando sua marca nas mãos de incontáveis e inusuais adquirentes, um faturamento de Cz\$ 30 milhões. Eis uma estatística preliminar sobre o evento. Tudo isto num período de dez dias.

Do que estamos falando? Até há pouco várias conjecturas poderiam ser feitas. Menos uma: não se trata de livro. Pois bem: trata-se exatamente desse produto tão esquivo e no qual poucos ainda acreditam, falando-se até mesmo em sua extinção diante dos novos meios de comunicação, mais facilmente assimiláveis, embora jamais consigam substituí-lo. Os dados acima não dizem tudo. São uma parcela dos resultados (e da importância) da 9ª Bienal Internacional do Livro, promovida (21/31 de agosto) em São Paulo, no Parque Ibirapuera, pela Câmara Brasileira do Livro, e que revelou, para espanto de muitos, uma nova vedete: o livro. Vedete que ocupou, nos diferentes órgãos de comunicação do País, um espaço inusitado.

Mais de 20 países participaram da mostra, ocupando 188 estandes, num total de 8 mil metros, 6 mil painéis, 18 quilômetros de prateleiras, 3,5 quilômetros de bancadas, 5.500 spots para iluminação, 12 mil metros de carpetes. Tudo isto para que fossem expostos cerca de 100 mil títulos diferentes e mais de um milhão de exemplares de livros de todas as tendências e para todos os gostos. Querem mais informações? Eis-las: as pesquisas revelaram que a grande maioria dos visitantes era de jovens, que houve equilíbrio entre homens e mulheres, que quase todos trabalhavam e/ou estudam, que boa parte não tem o hábito de comprar livro.

BABEL

O visitante incauto que por acaso ali caísse encontrar-se-ia numa verdadeira Babel: bandos de guris (gafanhotos insaciáveis como alguém os apelidou) percorrendo os estandes e arrebanhando tudo que encontravam em matéria de catálogos, folhetos, cartazes; mais adiante, fila de espera para o autógrafo (foram mais de 600 autores de todas as procedências e categorias), com o editor nervoso se desculpendo diante do público e do escritor porque o livro ainda não chegara. "ficou pronto só ontem à noite", e para maior azar o



de todo um processo de conscientização, chamando a atenção para um produto tão malsinado e marginalizado. Será então que já nos devemos dar por satisfeitos? Não, de jeito nenhum! É apenas um início. O índice de leitura é insignificante, o gosto pela leitura pequeno, continuamos editando pouco (e mal), em tiragens pequenas, a distribuição é precária, o número de livrarias insuficiente, os leitores despreparados comprando muitas vezes (por falta de informação ou informação equivocada) os Sidney Sheldon da vida, o relacionamento editor x autor distribuidor x livreiro é insatisfatório. E como saber quando um livro, por sua proposta humana e estética deve chegar até o consumidor, pelos caminhos normais, e quando há um elemento que extrapola o puramente literário? Pululam por aí as contrafações importadas, tomando o lugar de nossa produção e ocupando um espaço que é nosso de direito: os assim chamados livros de linha de montagem.

Mas os sintomas são positivos. É uma primeira constatação se faz necessária: editores estão satisfeitos, livreiros estão satisfeitos, até mesmo autores começam a se animar. E se tudo isto persistir, quem sabe amanhã ter-se-á verdadeiramente a profissão de escritor entre nós. Com mercado estável, aumento de tiragem, melhor distribuição.

OPINIÕES

De que maneira encaram tudo isto os homens do setor? Alfredo Weiszflög, presidente da Câmara Brasileira do Livro, com otimismo. Fala da importância da Bienal e que ela cumpriu seus objetivos: promover o livro, o autor, as realizações do mercado editorial. José Gorayeb, coordenador geral da Bienal, concorda e não vê razão para a mudança de local preconizada por expositores. Diz que ele é adequado, podendo abrigar maior número deles. Uma boa medida seria reduzir os estandes a um máximo de 90m². Portugal, por exemplo, ocupou 300m². Gorayeb também não acha viável a ideia de se dividir o espaço por temas específicos. Contra-argumenta: "E as editoras que possuem uma gama diversificada de títulos como ficarão?" Maria do Carmo, da PUC e das Editoras Universitárias, acha que a experiência do trabalho em conjunto foi válida. "Mas vamos dar sugestões" — acrescenta. E os autores, onde ficam? Certamente (com raras exceções) não vão lá pela venda, mas pela possível promoção, pelos contatos com o público e com outros autores, pela possibilidade de encontros com colonistas "que possam dar uma forcinha pro meu livro", ou com um agente literário (a Carmen Balcells, por exemplo). E Hélio Pólvera, jornalista, ficcionista, crítico literário, resumindo tudo, dizia com razão que é preciso avaliar mais profundamente o fenômeno. Que o interesse pelo livro não seja passageiro. Concluindo: esperemos que dure e ajude o Brasil em sua caminhada.

que estavam produzindo.

ATRAÇÕES

Nos primeiros dias os destaques foram para a prensa de Gutenberg (todos queriam uma pagininha, com o tipógrafo se esbalfando para atender às solicitações e aos pedidos de posar para as fotos ao lado da impressora "ao meu lado, sim, é uma lembrancinha que quero levar pro meu filho/irmão/pai/mãe/tio/namorada/amigo/parente"), no estande de outra estreante, a Alemanha; e para as gravuras, que sumiram como num passe de mágica, no estande da China. Havia, também, os que queriam saber a história do livro, desde a criação até a impressão final, ou como se faz papel — e lá estava tudo montado para satisfazer a avidez dos eternos curiosos. Depois, eram os múltiplos lançamentos e os eventos paralelos. Logo, não se podia controlar tudo o que estava acontecendo e onde — tantos eram os acontecimentos paralelos e simultâneos em tantos lugares diferentes. Até que vinha a saturação, "vamos dar um tempo e voltar amanhã de tarde".

Editores, autores, livreiros, jornalistas, visitantes, simples curiosos, compradores, agentes literários, todos de agenda na mão, iam anotando, revisando, riscando, se informando, "isto aqui eu não posso perder, em que estande fulano autografa, e sicrano, como fui me esquecer da hora e do número do estande, poxa será que vou ter que voltar até lá em baixo pra conseguir aquele livro que não comprei, não agüento mais, aqui não tem não, vou me sentar e tomar um chope, comer um pão-de-queijo quentinho, é preciso também não esquecer o estômago, aí

meus pés, e a saída, onde está a saída?".

Mas isto era uma parte do todo: havia o V Seminário Latino-americano de Literatura Infantil-Juvenil, o encontro com o Houaiss sobre problemas de tradução, o debate com o Celso Furtado sobre o projeto Sarney de incentivo à cultura, o Simpósio sobre Bibliotecas, a Primeira Mostra Nacional de Ilustradores de Livros Infantis e Juvenis. No estande da Livraria Camões podia-se bater um papo com o José Saramago, autor de *Memorial do Convento*; no da Editora Nova Fronteira com José Montello que autografava sua *Ficção Completa*; no da José Olympio era o Fernando Cristóvão esperando que chegassem os primeiros exemplares de seu ensaio sobre *Graciliano Ramos*; e na Record, Fernando Sabino, tendo ao lado Ligia e Alfredo Machado, lançava a quinquagésima edição do seu *Encontro Marcado*, que comemora 30 anos de publicação. Mais pra baixo era a catarinense Edla van Steen e o alagoano Ricardo Ramos, cercados de amigos, no estande da Global. E até atores dando uma de autores: a Rita Lee, o Moraes Moreira, a Bruna Lombardi deparando-se com filas intermináveis. Para concorrer com eles só um Jorge Amado...

ESPERTOS

E os experts (ou espertos, sei lá!) em mercadologia, o que dizem eles, como explicar e/ou justificar, numa crise sem igual que o Brasil atravessou (atravessa, dela mal-e-mal começa a sair) tal interesse pelo livro, este primo-pobre? Talvez exatamente o fator crise ajude a compreender o fenômeno seja ele o deflagrador

002: Marques Rebelo

MIGUEL, Salim. Marques Rebelo. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 de ago. de 1983, pag. 08 e 09. Letras & Livros.

MARQUES REBELO

SALIM MIGUEL

Há dez anos (26-08-73) morreu, no Rio de Janeiro, Marques Rebelo. Até hoje não se avaliou devidamente o que esta perda representou para a literatura brasileira. Sua obra lhe garante lugar de destaque entre os nossos mais expressivos criadores, mas o que Rebelo ainda poderia produzir é incalculável. Pode-se, contudo, fazer uma ideia. Quero me referir, em especial, ao seu projeto mais ambicioso e que ficou inconcluso. Trata-se de *O espelho partido*, misto de ficção e memória, onde ele era por igual protagonista e testemunha, roman-à-clef, romance-rio, vasto e rico painel que abarca todo um amplo período da vida brasileira.

Os volumes que vieram à luz (*O trapicheiro*, I; *A mudança*, II; *A guerra está em nós*, III), são exemplos do que ele pretendia, até onde pensava chegar e de que maneira se dedicava ao projeto de levantamento e recuperação do passado. Mais quatro volumes, já anunciados, se encontram em elaboração, completariam o ciclo. *A paz não é branca*; *No meio do caminho*; *A tempestade*; *Por um olhar de ternura*. A propósito, em entrevista que me concedeu em 1966, para o jornal *A Hora*, de Porto Alegre, dizia Rebelo: "Encerrarei minha carreira de escritor com *O espelho partido*, obra de vinte anos de trabalho, e que se não é importante, é grande e vai aborrecer uma porção de sujeitinhos importantes com a ideia que eu tenho deles".

A simbologia do título já diz muito da proposta de Rebelo. Numa técnica contrapontística, em linguagem trabalhada, a que não faltam humor e lirismo, ele recria e recompõe fragmentos de um mundo perdido e complexo, erguendo uma impressionante galeria de tipos, através dos quais dá testemunho de sua época, de seu meio, de sua gente.

Logo após o lançamento do primeiro tomo não foram poucas as listas que circularam tentando identificar personagens reais sob figuras fictícias. Como

curiosidade, eis uma delas, não confirmada nem negada pelo autor: Lauro Lago (Lourival Fontes), Altamirando de Azevedo (Augusto Frederico Schmidt), Silva Vergel (Francisco Campos), Nicolau (Cândido Portinari), Mário Mora (Santa Rosa), Marcos Euzébio (Oswaldo Teixeira), Júlio Melo (José Lima do Rego), Débora Feijó (Rachel de Queiroz), Pedro Morais (Prudente de Moraes, Neto), Marcos Rebich (Samuel Wainer), Jacobo de Giorgio (Otto Maria Carpeaux misturado com Paulo Rónai), Alarico do Monte (Aluizio Branco), Euloro Filho (Otávio de Faria), Martins Procripio (Tristão de Atayde misturado com Tasso da Silveira), General Marco Aurélio (General Góis Monteiro), Ermeto Colombo (Zienbinski), Francisco Amaro (Francisco Inácio Peixoto), Julião Tavares (Carlos Lacerda), Zagalo (Lazar Segal), Péricio Dias (Percy Deane), Vasco de Araújo (José Olympio), Gina Feijó (Dinah Silveira de Queiroz), Gustavo Orlando (Graciliano Ramos), Antenor Palmério (Jorge Amado), Helina (Enéida).

Contudo, para além desta prospeção detetivesca, o livro vale é por seu conteúdo, por sua profunda carga de humanidade, pelo retrato de um universo muito pessoal, pela visão de um homem lucido diante de seu tempo e de um artista consciente diante de sua obra.

Mas não vou, aqui e agora, falar do escritor que nos deixou mais do que aqueles três volumes de *O espelho partido*, que mesmo sem eles se situa entre os nossos escritores mais importantes, retratando um Rio com extrema sensibilidade, só igualada por Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Machado de Assis, Lima Barreto. Rebelo está presente e inteiro em *Marafa* e *A estrela sobe* (romances), nos contos de *Oscarina*, de *Três caminhos*, de *Stela me abriu a porta*, na novela *O simples coronel Madureira*, nas impressões de viagem de *Correio Europeu* e *Cortina de ferro*, no *Vida* e obra de Manuel Antônio de Almeida, no álbum *Rio*, nos flagrantos incisivos e saborosos de *Cenas da vida brasileira*, nas centenas de crônicas, não reunidas em volume, que espalhou pela imprensa, especialmente na *Última Hora* do Rio.

Vou, antes, procurar o amigo, relembrar a convivência que com ele mantive durante anos, a partir do final da década de 40 (exatamente 1948), quando, jovem e entusiasmado, tentava, com outros jovens igualmente entusiasmados, dar uma sacudida na pacata e modorrenta Florianópolis. Pacata e modorrenta, sim, mas sob muitos aspectos (qualidade de vida) mais cidade para se viver e conviver do que hoje.

Florianópolis e Marques Rebelo. Foi um caso de amor à primeira vista. Não garanto se o segundo ou terceiro caso. O primeiro, sem sombra de dúvida, o Rio de Janeiro, terra deste Edil Dias da Cruz que era o mais carioca dos cariocas. Para o segundo há uma disputa entre Minas Gerais e Florianópolis. Em *Cenas da vida brasileira*, ele diz: "Florianópolis, 1949 — A sombra da patricarcal figueira, que de tão velha já se apoia em muletas, também pode refrescar ideias e sentimentos. Nem tudo está morto dentro de nós. Ficaria aqui por muito tempo". A seguir: "Depois dum curso de arte culinária no Senac (dois meses!), madame fazia tão extraordinárias maioneses de lagosta, que sentia-se na obrigação de firmá-las com as suas iniciais em gema de ovo". E outra: "Foi a única queixa apresentada à polícia no último e entusiasmado carnaval — o homem estava muito bem no cordão pulando e cantando quando roubaram-lhe a dentadura". Pouco mais adiante: "Acolho-me à sombra da árvore sem partido, agora que parou o vento de três dias neurastênicos. Acodem-me duas ou três verdades, inúteis para os homens como todas as verdades".

Fins da década de 40. Em Florianópolis acabara de sair a revista *Sul*. Um dia, um bilhete para o Aníbal Nunes Pires. Marques Rebelo queria vir a Florianópolis, pedir nossa colaboração. Por intermédio do Jorge Lacerda, misto de médico, advogado, jornalista, político, Rebelo conheceu o então secretário da Educação, Armando Simone Pereira, já conhecia a revista *Sul*, se interessou em

vir a Florianópolis. Traria uma exposição de pintura contemporânea, faria palestras, discutiria literatura, bateria papo. Sabia do que começáramos a fazer em matéria de movimento cultural e artístico. Em *Sul* n° 3, abril de 1948, numa primeira pergunta a notícia: "Marques Rebelo virá a Florianópolis?" No n° 5, agosto de 1948, já afirmávamos: "Marques Rebelo em Florianópolis". Não foi fácil, mas conseguimos. E como a hotelaria era precária, Rebelo usou de um artifício de que logo entendamos ("não gosta de hotel", dizia numa das cartas). Ficou mesmo foi na casa do Hamilton Valente Ferreira, um dos fundadores do movimento inicialmente chamado Circulo de Arte Moderna e que se tornou conhecido como Grupo Sul.

A exposição, elogiada/detestada, um impacto na pacatez da terrinha. Primeiro resultado: debates acirrados, críticas ("onde já se viu utilizar o glorioso Grupo Escolar Dias Velho pra expor estas besteiras!"), elogios ("Onde fica a liberdade de criação, deformar para melhor transmitir, no resto do Brasil isto nem é mais novidade"). Segundo resultado: implantação do Museu de Arte Moderna (atual Museu de Arte de Santa Catarina), o primeiro do gênero a ser oficializado no País, com um acervo inicial expressivo: Portinari, Pancetti, Burle Marx, Djanira, Iberê Camargol, Aldari Toledo, Di Cavalcanti, Segal, Milton da Costa, Santa Rosa, escultura de Bruno Giorgi, gravuras e desenhos, além de reproduções de obras de pintores modernos estrangeiros. Para a direção, Martinho de Haro.

Na reportagem publicada em *Sul* n° 6, falando da exposição (de 25 de setembro a 6 de outubro de 1948) se afirmava: "Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea". E já em 1914, como consequência, Santa Catarina estava presente numa exposição que Rebelo realizava em Belo Horizonte — o que era devidamente registrado em *Sul* n° 7.

A partir daí, ele passou a vir com regularidade a Florianópolis, a se corresponder com os novos amigos; e quando qualquer um de nós ia ao Rio, não dei-



Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Cândido Portinari e Rodrigo Octávio Filho, no jantar de homenagem ao 50º aniversário de Graciliano Ramos, em 1942.

xava de visitá-lo. Ele nos incentivava, difundia nossa revista, recebia com simpatia nossos trabalhos, indicava-nos autores que deveríamos conhecer. Foi assim, por exemplo, que conheci J. P. Jacobsen. Era fevereiro de 1950, eu me despedia de Rebelo, ele me entrega um livro, edição em espanhol de **Maria Grubbe**. Até hoje o livro ("Para o Salim, do Rebelo, Rio, 3-2-50") me acompanha. Li-o e não descansei enquanto não encontrei outro de Jacobsen, Niels Lyhne.

Em 1957, comemorando seu cinquentenário, publicamos nos **Cadernos SUL** um volume a ele, dedicado, **Marques Rebelo, poeta morto**, ensaio de Hélio Alves de Araújo. O título retirado de Jules Renard ("Je voudrais être en prose un poète mort qui regrette"), uma das admirações literárias de Rebelo.

Nos longos papos, a informação exata, a gozação correta: como melhorar a escrita, Rebelo? — "Vá escrevendo e cortando. Escrever é cortar". Você já reparou nos novos edifícios de Florianópolis, Rebelo? — "Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado".

Em 1964, a surpresa: Marques Rebelo candidato à Academia Brasileira de Letras, um dos alvos preferidos de sua galhofa. Em carta de 16 de setembro de 1964, depois de esclarecer porque não podia vir a Florianópolis, ele como que se explica: "E como ainda os dias gripais e os imediatos amebianos me roubaram precioso tempo, terei eu que fazer ainda 27 visitas acadêmicas, pois a minha vaidade sonha com os bordados do fardão, o que deixará você certamente achando graça, mas é coisa que agora me interessa muito — estou precisando do apoio dos velhos amigos que lá tenho para a velhice ficar mais cômoda e agradável com aquelas conversas e chás das quintas-feiras, nas quais muita reminiscência é trocada — coisas da maturidade... se é que se pode chamar assim..." Mais adiante: "Espero em outra ocasião aparecer na saudosa Flórida."

nópolis. Possivelmente já de fardão — deverei fazer um sucesso retumbante!" De novo a Academia: "A vida vai mudando, muitos que a combatiam já vão se afeiçoando à idéia de a ela pertencerem e entre eles este seu criado e amigo". Eleito Rebelo, não tive dúvida, telegrafei-lhe dando os parabéns não a ele mas à Academia. E no primeiro encontro cobrei: "Por quê?" Não titubeou: "Primeiro, a gente envelhece e se acomoda". Mas o cronista que vivia dentro dele foi mais forte: "Depois, uma das grandes vantagens da imortalidade é ter onde morrer. Você já viu como anda caro um enterro? E a Academia tem um lindo mausoléu". Embora amaciado pelo tempo, mesmo na Academia o crítico mordaz permanecia ativo.

Tinha paixões e ódios igualmente intensos. Paixão pelo América Futebol Clube, a ponto de forçar muitas vezes sua mulher Elsa Proença, nos dias de jogo, a se vestir de vermelho, cor do clube. Ódio pela burrice, pela falta de compostura. Mas, acima de tudo, fidelidade aos amigos, antigos ou recentes. Dos antigos, entre tantos, um Antônio Houaiss, um Francisco Inácio Peixoto, um Walter Benevides, um Paulo Silveira. Dos mais moços, um Hamilton Valente Ferreira, que ele acolheu no Rio, um Herberto Sales, que ele chamou para o Rio. Este caso sempre é bom relatar. De repente, desaba no apartamento de Rebelo um pacotão vindo da Bahia. Eram originais de um jovem escritor. Rebelo lê, escreve ao autor: "venha, aqui pode ficar em minha casa, vamos discutir seu romance". O jovem não pensou duas vezes, se tocou para o Rio, acatou as sugestões, mexeu nos originais, publicou o livro, "Cascalho", que hoje se encontra vertido para vários idiomas.

Durante alguns tempos, foi comum no País a publicação de listas a respeito dos livros preferidos pelos escritores. Eram de 10, de 50, de 100. Rebelo, que em depoimento no Museu da Imagem e do Som, dizia sentir-se feliz "por ter pertencido à geração de 1920 a 1940, uma geração que se esforçou por renovar o País dando-lhe uma autenticidade, uma cultura própria" e acrescentando

que fez parte "de um tenentismo literário", também escolheu os seus 100 melhores livros na área da ficção. Entre eles, 11 brasileiros: **Memórias de um Sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida; **O Ateneu**, de Raul Pompéia; **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, **Quincas Borba**, **Dom Casmurro**, **Histórias sem data**, **Várias Histórias**, de Machado de Assis; **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, de Lima Barreto; **Memórias Sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade; **Fronreira**, de Cornélio Penna; **O Coronel e o Lobisomem**, de José Cândido de Carvalho.

Ele era irônico, cáustico? Sim. Pode-se até dizer que brigava com um amigo mas não perdia uma boa tirada. Algumas se tornaram famosas. Exemplo: queima de livros na Livraria São José. Num cartaz: "Compre dois livros e leve de brinde um do escritor X". Rebelo então, com aquele seu jeitinho maroto, afirmava que a pessoa ia à livraria disposta a comprar dois livros. Mas para não levar o brinde, comprava um, saía, assobiava um tango argentino, e só então voltava para comprar o segundo.

Este aspecto de sua personalidade encobria um ser afetuoso e sensível. Posso dar tertemunho que mesmo à distância não esquecia os amigos. Um dia me chega um pacote de Paris. Abro. Num livro, a dedicatória: "Caro Salim — não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa. Certamente será uma coisa bem pouco maravilhosa. Mas tem um título que é do seu maior interesse... Carinhosamente, Rebelo — Paris, novembro, 1951". Título do livro, Eglê, nome da minha mulher.

Desci eufórico, encontrei a turma de **SUL**, empunhei o livro, todos comentaram: "Eta velhinho legal!" Marques Rebelo mal entrara na faixa dos quarentas anos. Mas para os nossos vinte e pouco ele era um "velhinho legal".

Em 1965 mudei para o Rio. Nos domingos à noite era comum a gente se reunir no apartamento de Rebelo, nas Laranjeiras. Eu já chegara, também, à casa dos quarenta. Porém por mais que me esforçasse não conseguia me imaginar como "um velhinho", legal ou não.

003: Lembranças de Graciliano

MIGUEL, Salim. Lembranças de Graciliano. *Correio do Povo*. Porto Alegre. 24 de set., 1983, pag. 11. Letras & Livros.

SALIM MIGUEL

Foi em meados de fevereiro de 1950 — lembro-me bem. Estávamos há dias no Rio. Já havíamos tido encontros com diversos escritores. E com a nossa curiosidade de provincianos, olhávamos avidamente para aquelas figuras que conhecíamos tão bem por intermédio dos livros, que, de uma forma ou doutra, considerávamos até amigos.

Comigo se dava — se dá — um fato curioso: escritores pelos quais nutro especial admiração, fico sem desejos de conhecer. Por um motivo muito simples. Temo que a pessoa em si mate o autor. Pois acontece, muitas vezes, que um escritor dá o melhor de si mesmo à sua obra, tornando-se, por sua vez, um ser de interesse relativo.

Por duas ou três vezes passara em frente à José Olímpio, ou mesmo entrara, no desejo de ver o Major Graca. Numa delas me indicaram: — "Olhe, lá no fundo, está o Graciliano!"

Olhei:

Sentado, pitando, lá estava ele. De mediana estatura, não magro mas seco, jeitão de caboclo, feições rudes. Falava calmamente com não sei quem.

Estivemos para ir falar com ele. Mas aquele meu receio voltou mais forte. Sai. O desejo porém de conhecer o escritor brasileiro moderno cuja obra mais me impressionara persistia. Voltou mais forte. Era absurdo, me dizia, ter tido tal oportunidade e abandoná-la. E por quê?

Alguns dias depois, guiados pela Nair Batista, de volta de uma visita frustrada, passamos pela Livraria José Olímpio. Duas horas mais ou menos. Calor.

Entramos. Lá no fundo, como sempre, estava mestre Graca. Encaminhamo-nos para ele. Do resto só vagamente me lembro. Apresentação, conversa, discussões. Ficamos ali horas, ouvindo-o falar. Era o mesmo Graciliano dos livros. Nada perdia. Ao contrário. Ganhava. Um dos raros casos por mim encontrados em que a pessoa viva ganha do autor. E não, entendam-se, por um brilho superficial ou pelo vão desejo de aparecer. Em absoluto! Não que ele fizesse força para agradar. Sem qualquer resquício de atitude, de tirada, mantinha-se sincero e franco, parecendo mesmo o mais matuto e sem pose de todos.

Além da turma da revista "SUL", da Nair Batista, estava também presente o poeta Jorge Medauar. E se não me falha a memória pouco depois chegava a Maura de Sena Pereira. Outros entravam e saíam: deles não guardo lembrança.

A conversa se espraíava. Mas só me recordo de Graciliano, do tom de sua voz, de seus gestos sóbrios, de suas frases incisivas. Também, confesso com franqueza, estava mais interessado em ouvi-lo do que em falar. Pouco disse. E que diria eu? Deixei que os demais pu-



Graciliano Ramos

xassem a conversa. Falava-se de livros e autores. De repente estávamos todos metidos numa discussão, Jorge Medauar, extrovertido, se exaltava, gesticulando, enquanto Graciliano, calmamente, ia repetindo: — "mas meu caro, nunca pensei, como você é errado, aquele livro é uma grande porcaria, tem que ser!" E o Jorge: — "você já leu, você já leu, precisa ler, é diferente dos outros"... E voltava Graciliano com paciência: — "mas sim, já conheço os livros dele, esta história de livro que sempre desejei mas temi escrever é besteira da grossa"! Medauar sem se convencer, insistia.

De repente, em meio à conversa, Graciliano virou-se para mim, perguntou:

— E você, que faz?

Titubeei, gaguejei, a custo respondi: — Uns... uns... pro... projetos de contos...

— Besteira — exclamou — besteira isto de uns projetos de contos.

Ou faz ou não faz. Nada de projetos. Meta a cara, faça, faça, trabalhe muito...

Não me lembro quem, me parece

que Eglê ou Pedro, passou-lhe uma "SUL" onde estava um conto meu. Primeiro folheou toda a revista, com paciência, com interesse, depois, num canto, se pôs a ler meu trabalho. Eu observando, tremendo. Leu um trecho, parou, voltou atrás, leu mais um pedaço, tornou a parar, fechou a revista, com uma cara que me intimidou, que não consegui decifrar. Veio de novo para o grupo, guardou a revista. Felizmente ninguém perguntou nada e eu fingi que não tinha visto. Só no fim, quando nos despedíamos e eu imaginara já se ter ele esquecido, me disse que iria ler com calma e que depois, quando voltássemos ali, me falaria. Não voltamos.

Logo depois que ele se reuniu ao grupo Eglê disse:

— Graciliano, ele — apontando com um dedo para mim — gosta tanto de seus livros que ficou pensando se devia vir conhecer o autor ou não.

Enquanto sorria, sem dizer nada, Graciliano virou-se para responder a uma pergunta da Maura:

— Não, não gosto de poesia, não leio, não sei ler poesia...

— Mas meu livro...

— Muito obrigado, pode me dar, mas acredite, que nada entendo disto e não vou ler.

Logo, a este respeito, se travou uma discussão em que todos tomamos parte.

Não me é possível transportar para o papel tudo o que falamos. Vou me guiando pela memória e deixo aqui trechos esparsos do que conversávamos. Talvez a ordem mesmo da palestra não tenha sido esta. Mas em síntese, e no sentido, foi:

Sei, por exemplo, que ele me perguntou o que pensava dos livros dele.

Respondi que embora gostasse de *Caetés*, achava que era muito Eça. E ele:

— E uma porcaria, não vale nada, não presta.

— Mas...

— Verdade, acredite. Nem sei por que o publiquei.

Continuei:

— Gosto especialmente de *Angústia* e *Infância*, embora acredite que tanto São Bernardo quanto *Vidas Secas* possam ser considerados superiores. Mas é, para mim, uma questão de sentimentalismo, em especial quanto ao primeiro destes livros citados, que me abriu o caminho para a sua literatura.

Antes que Graciliano respondesse fomos interrompidos por alguém que perguntou se ele estava trabalhando em qualquer outro livro de ficção. Respondei negativamente. Se alguma coisa pudesse realizar no gênero, já estava feita. Está terminado. Trabalha atualmente em *Memórias da Cadeia*, reminiscência de seu período de prisão. "Passo horas

— acrescentou — tentando ver se me lembro de uma frase, de uma palavra, pois quero ser o mais exato possível". Não fazer nada de ficção, o mínimo possível de imaginação e o máximo de realidade. Um documento.

Esta preocupação do exato martirizava-o. Já estava no quarto e último volume, mas sempre voltava atrás, passava noites procurando se lembrar de uma passagem, tentando reconstituí-la. Falou-nos de seu método de trabalho, minucioso, paciente.

Não se zangava por ficarmos ali a sabatiná-lo.

E enquanto ali estávamos eu tentava recordar o que a respeito dele lera.

Sua vida, os trabalhos, as privações, a descoberta para a literatura através de um relatório que se tornara famoso, a prisão, os livros...

Tenho agora diante dos olhos a figura do escritor, muito calmo, mãos cruzadas, rosto chupado, no seu caixão. A fotografia mostra-o magro, sofrido, estoico. Mas não é assim que o recordo. Lembro-me dele como o vi saindo da Livraria José Olímpio, naquele fim de tarde. A imagem antiga vem e borra, dilui a nova, substituindo-a. Revejo-o saindo, semicurvado, cabeleira rala, depois de nos ter dado um forte aperto de mão.

Lembranças de Graciliano

Correio do Povo/24.9.83/Letras & Livros

004: Ficção e poesia em Santa Catarina

MIGUEL, Salim. Ficção e poesia em Santa Catarina. *Correio do Povo*. Porto Alegre. 13 de ago.1983, pag. 11. Letras & Livros.

SALIM MIGUEL

Existem hoje, na literatura em Santa Catarina, nomes de expressão no conto, no romance, na crônica, na poesia. São numerosos; e abordando temas os mais diversos, nos mais variados estilos e tratamentos, vêm dando um recado humano e esteticamente válido.

Parece-nos, assim, que uma primeira observação se faz necessária para situar o problema: Santa Catarina, devido a uma série de fatores que não vamos analisar agora, nunca foi pródiga, no passado, em autores representativos nas letras. Procurando examinar o que existia até a década de 50, constata-se que na poesia se sobressai Cruz e Souza (sempre ele), morto em fins do século passado. Logo a seguir, Luís Delfino. Os demais são nomes menores, mesmo em termos regionais, como um Araújo Figueiredo ou um Lacerda Coutinho.

Há então um hiato. Nele, para não dizer que nada existiu, citam-se dois poetas importantes, mas que fizeram a maior parte de sua obra no Rio de Janeiro, onde continuavam residindo: Maura de Senna Pereira e Marcos Konder Reis.

E se na poesia o panorama (pouco animador) era este, na prosa é igualmente melancólico. Não existe um único vulto que se possa equiparar a Cruz e Souza. fica-se, então, com Virgílio Varzea (Mares e campos; Nas ondas, contos; O brigue filibusteiro, romance); com Othon D'Eca (Homens e algas, histórias); com Tito Carvalho (Bulha d'arrioio, contos; Vida Salobra, romance). Os dois primeiros abordando, de preferência, o mar, uma temática que se prolonga até agora; e o terceiro num regionalismo serra-acima, outra das vertentes em que se bifurca a literatura praticada no Estado.

A década de 50, embora representando várias gerações e tendências mais ou menos próximas pela idade e pelas preocupações num mundo marcado por entrecosques do pós-guerra, é inquestionavelmente um divisor de águas. Não apenas por ter surgido com ela (tardamente, através do Grupo SUL) o movimento moderno em Santa Catarina, mas porque, a partir daí, pode-se detectar uma sensível virada em termos quantitativos e qualitativos. E torna-se mais fácil citar, na ficção e na poesia, nomes

Ficção e poesia em Santa Catarina









Cadernos SUL e a poesia moderna editada em Santa Catarina. Antes, em jornais ou revistas, alguma coisa no gênero já vinha sendo publicada, mas em livro, no Estado, *Idade 21* foi pioneiro.

Já na década de 50, e na área da ficção, temos, pelas Edições SUL, os primeiros títulos: *Velhice e outros contos* (1951), de Salim Miguel; *A ponte* (prosa e verso, 1952), de Antonio Paladino; *Plá* (contos, 1953), de Guido Wilmar Sassi.

Em *Plá*, que revelava um dos mais fortes e criativos ficcionistas brasileiros do período, Sassi retoma, com maior dimensão, o tema serrano já tratado por Tito Carvalho. Centrados em histórias de crianças, os contos enfiados no volume mostram não só uma realidade dramática, porém, mais importante, um autor com plena consciência do valor da palavra e da estrutura narrativa, que ultrapassa o regionalismo meramente descritivo, para se aprofundar na psicologia de sua gente e de seu meio.

A partir daí, tanto na área da poesia como da ficção, é possível acompanhar a progressiva evolução de tais gêneros, seja através de antologias ou de volumes individuais.

No conto teríamos basicamente três títulos (quatro se considerarmos que está para sair por estes dias mais um, *Este mar catarina*, volume monográfico que reúne 18 trabalhos, de Virgílio Varzea até os nossos dias, todos direta ou indiretamente subordinados ao tema do mar, em publicação pela Editora da UFSC), de três épocas diferentes: *Contistas novos de Santa Catarina*, Edições SUL, 1954; *Assim escrevem os catarinenses*, Editora Alfa-Omega, 1976; *21 dedos de prosa*, ACES/Editora Cambirela, 1980.

Na poesia, infelizmente, não há nenhuma antologia publicada durante a década de 50, que pudesse servir de parâmetro. Mas temos duas de época recente: *Presença da poesia em Santa Catarina*, org. Lauro Junkes, Editora Lunardelli, 1979; *Outros catarinenses escrevem assim*, org. Oldemar Olsen Jr., Editora Acadêmica, 1979.

A vantagem das antologias é que, por intermédio delas se pode acompanhar a evolução do gênero no período, e que cultores a ele se mantiveram fiéis, quais o abandonaram por outro, quais deixaram de escrever e que outros nomes surgiram.

Assim, do *Contistas novos...*, Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, A. Boos Jr., Salim Miguel permaneceram praticando o gênero, enquanto Marcos Farias se bandeou para o cinema, Hugo Mund Jr. para as artes plásticas, Aníbal Nunes Pires para a poesia, Carlos Adauto Vieira para a crônica, Osvaldo Ferreira de Melo para o ensaio, Antonio Paladino (também poeta e crítico) morreu sem ter dado toda a dimensão de seu talento. Três ou quatro pararam de escrever (ou de publicar).

De *Assim escrevem...*, ao lado de alguns dos nomes acima citados, temos a revelação de novos valores, como Holdemar Menezes, Flávio José Cardozo, Harry Laus, Ricardo Hoffmann, Herculanô Farias, Osmar de Andrade, Emanuel Medeiros Vieira. Mais nomes se incorporam com *21 dedos...*: Enéas Athanázio, Inês Mafrá, Eglê Malheiros, Amílcar Neves, Bento Silvério, Amaline Issa, David Gonçalves, João Nicolau Carvalho.

Muitos contistas praticam o romance. É o caso de Guido Wilmar Sassi, Ricardo Hoffmann, Holdemar Menezes. E romancistas de diferentes propostas e preocupações são Miro Moraes, A. Sanford de Vasconcelos, Almiro Caldeira de Andrade, Arnaldo Brandão, Lausimar Laus, Silveira Júnior, Glaucio Rodrigues Correa, Raimundo Caruso, Urda A. Klueger.

Na poesia, dentro do mesmo critério, assinalaríamos a presença de Lindolf Bell, C. Ronald, Alcides Buss, Osmar Pisaní, Péricles Prade, Artêmio Zanon,

LETRAS & LIVROS N° 100 LETRAS & LIVROS N° 100 LETRAS & LIVROS

Correio do Povo/13.8.83/Letras & Livros

005: Características e ações das editoras de universidades

MIGUEL, Salim. Características e ações das editoras de universidades. Correio do Livro - UFSC. Florianópolis, ago./out., 1986, pag. 08.

Características e ações das editoras de universidades

Diante da diversidade de problemas peculiares a cada região, num país da extensão territorial do Brasil, não nos parece haver uma fórmula capaz de englobar num todo único o programa a ser desenvolvido pelas editoras universitárias.

Numa constante realimentação, pela resposta que receba do Estado em que atua, atenta a tudo que ocorra em redor, um projeto de editora universitária tem que ser suficientemente flexível para se adaptar às exigências em permanente mutação do universo a que se propõe servir.

Em primeiro lugar espera-se que sejam projetos culturais e não projetos comerciais. Como consequência, as editoras universitárias necessitam realizar um trabalho alternativo e/ou de complementação, e não de concorrência às editoras comerciais.

Sendo um projeto cultural, precisa ser também um projeto político no sentido mais profundo da palavra, já que pode contribuir para a independência e libertação do povo, o avanço cultural, e o melhor conhecimento da realidade em que se vive.

Um projeto cultural desse tipo, se de um lado tem de ser sensível aos reclamos e solicitações do espaço, em que atua, por outro tem de ter consciência das metas a médio e a longo prazos que se propõe, para não oscilar conforme os ventos da moda ou os interesses pessoais.

Numa editora universitária, existem itens sobre os quais não pairam dúvidas: a necessidade do livro-texto, das séries didáticas, das publicações periódicas, bem como de outros trabalhos importantes mas que devido ao alto custo e ao retorno lento não encontram guarida

Salim Miguel
Romancista, ensaísta e diretor executivo da Editora da UFSC

nas assim chamadas editoras comerciais.

Outros itens, no entanto, podem ser polêmicos. Um deles é o que se refere à literária.

É exatamente aí que se colocam em evidência as peculiaridades regionais.

Tomemos o caso de Santa Catarina.

Não havendo editoras comerciais de porte, capazes de abarcar a produção literária; sendo difícil furar o eixo Rio/São Paulo (ou Rio Grande do Sul e Minas Gerais) principais pólos editoriais do País, o autor da província não tem como publicar. E não tendo como publicar e se tornar conhecido, pouco importa o seu mérito, as portas das editoras não se lhe abrem. Se isto ocorre com o autor do livro técnico ou didático, que bem ou mal, conta com um mercado a ser alcançado, o que dizer do autor da chamada criação literária?

Com a crise, o espaço nos órgãos de comunicação foi se tornando a cada dia mais restrito. Como o nome do autor não circula, ele não se torna conhecido. Não dando vazão ao que produz, ele se sente gradativamente desestimulado.

Ai pode — e a nosso ver, deve — entrar a Editora Universitária. Não visando lucro, mas apenas procurando equilibrar (se possível) receita e despesa, ela tem que bancar autores considerados difíceis e de retorno lento, mas que tenham um recado a dar, ou nomes novos que tragam uma mensagem estética ou humana revolucionária que mereça ser conhecida.

Sintetizando, parece-nos que

a filosofia de uma editora universitária num país do Teceiro Mundo, como o Brasil, pode ser assim definida:

- 1 — busca de títulos importantes, mas quase sempre de retorno lento, que tragam uma contribuição válida para o processo de desenvolvimento social e cultural do país, difíceis de serem aceitos por editoras comerciais;
- 2 — títulos que reflitam e discutam a universidade como um todo, com seus acertos e desacertos;
- 3 — títulos que signifiquem um projeto cultural e deixem um retrato e uma memória do que se produz na comunidade universitária;
- 4 — títulos que possibilitem a ampliação do leque de abrangência, visando sempre mais a uma integração universidade/comunidade, inclusive com permanente incentivo ao surgimento de novos valores;
- 5 — publicação de livros que abarquem, indistintamente, todas as áreas do saber;
- 6 — títulos que estimulem a diversificação e melhoria da produção intelectual, num sadio processo de emulação;
- 7 — fortalecimento dos Conselhos Editoriais a fim de permitir uma seleção de títulos cada vez mais rigorosa;
- 8 — pensar o livro como um bem necessário e insubstituível, objeto de conhecimento e fruição;
- 9 — tornar possível, pelo permanente intercâmbio, que as editoras ajudem a romper o isolamento social;
- 10 — contribuir para que a universidade se transforme num fórum permanente de debate aberto ao jogo de ideias.

A Editora Universidade de Brasília, cumprindo com o seu objetivo de melhorar a circulação do conhecimento, estabeleceu convênio com a Editora Thesaurus de Brasília. A partir de agosto você terá acesso às obras da Thesaurus pelo Clube do Livro da UnB.



DICIONÁRIO DOS PEIXES DO BRASIL. Hitoshi Nomura. Obra de referência, apresentando as denominações científicas e as famílias dos peixes do Brasil, além dos nomes vulgares pelos quais são conhecidos. 482 pp. Cód. 00019. Cód. 00019. Cód. 00020.



POESIA DE FERNANDO PESSOA. Arari Pinto Paiva. Primeiro volume dos Cadernos de Literatura, a poesia de Fernando Pessoa é apresentada em cuidadosa seleção realizada por Fernando Mendes Vianna, com bom número de ilustrações. 131 pp. Cód. 00020. Cód. 00020.



DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Francisco dos Santos Azevedo. Um dicionário que apresenta soluções rápidas e ideais para todos os que, ao escrever, procuram palavras afins, evitando a repetição de termos corriqueiros. 888 pp. Cód. 00023. Cód. 00023.

Revivendo a trajetória de Lampião pelo Nordeste brasileiro, ou debatendo a independência política do País e de seus vizinhos latino-americanos, os livros universitários são um panorama do que se pensa e se publica hoje nas Editoras Universitárias de todo o País



A MARCHA DE LAMPIÃO. Raul Fernandes. Um levantamento da vida em Mossoró, no ano de 1927, quando a cidade foi invadida por Lampião e seu bando. Cidade de comerciantes, feirantes, conhecida como a capital do Oeste no Rio Grande do Norte. Mossoró ainda guarda as marcas da invasão dos cangaceiros. Livro de pesquisa histórica, editado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Código 00010; 308 pp. Cód. 40.00.



A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES LATINO-AMERICANAS. Heloisa Rios Gusmão. A autora aborda o processo de independência política das nações da América Latina e o conceito de liberdade em cada uma dessas nações. Se para Bolívar liberdade era sinônimo de rompimento com a Espanha, para Dessalines, era sobretudo fim da escravidão. Livro da Editora da Unicamp. Código 00011; 82 pp. Cód. 24.00.



COMO NORMALIZAR TRABALHOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS? Heloisa Rios Gusmão e Eliana Souza Pinheiro. Onde se deve localizar o sumário de um livro? Quais os elementos de uma separata? Quando e que você pode suprimir palavras de um título? Editora da Universidade Federal Fluminense publica em convênio com o PROED. Código 00012; 158 pp. Cód. 27.00.



ESTUDOS SOBRE QUATRO REGIONALISTAS. Nelly Alves de Almeida. O livro apresenta os aspectos linguísticos e estilísticos de quatro escritores brasileiros profundamente marcados por seus vínculos regionalistas: Bernardo Ellis, Carmo Bernades, Hugo de Carvalho Ramos e Mario Palmério. Publicação pela Editora da Universidade Federal de Goiás. Código 00013; 300 pp. Cód. 70.00.



ESTADO E CAPITAL ESTRANGEIRO NA INDUSTRIALIZAÇÃO MINEIRA. Clelio Campolina Diniz. Professor de Ciência Econômica, o autor fornece, neste livro, os elementos básicos para se compreender a participação do capital estrangeiro na economia de Minas Gerais neste final de século. Editado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Código 00014; 260 pp. Cód. 14.00.



INTRODUÇÃO À BOTÂNICA SISTEMÁTICA. Alarich H. Schultz. Obra que se pode considerar um verdadeiro dicionário de Botânica, indispensável aos cursos de Ciências Naturais. Foi toda revista e atualizada pelo autor para a quarta edição, agora publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Código 00015; 382 pp. Cód. 64.40.



O DISCURSO AUTORITÁRIO DE CAIRU. João Alfredo Montenegro. Ensaio sobre o conceito analítico do discurso autoritário, tomando-se como exemplo o pensamento político do Visconde de Cairu. Editado pela Editora da Universidade Federal do Ceará, em convênio com o PROED. Código 00016; 274 pp. Cód. 15.00.



SOCIEDADES INDÍGENAS E O DIREITO. Glauco Veiga. Questão de Direitos Humanos, ensaios. Resultado de uma série de encontros do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, o livro mostra a problemática das relações entre as minorias étnicas e o Estado. Uma edição da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina em convênio com o CNPq. Código 00017; 190 pp. Cód. 12.00.



HISTÓRIA DAS IDEIAS DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE. Glauco Veiga. A história de um dos cursos de Direito mais antigos do Brasil e de sua contribuição para as ideias jurídicas desde o Império até nossos dias. Publicação da Editora da Universidade Federal de Pernambuco. Código 00018; 4 vols. Cód. 57.40.

006: Na ficção um testemunho da realidade

MIGUEL, Salim. Na ficção um testemunho da realidade. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 3 de jul. de 1982, pag. 14. Letras & Livros.

SALIM MIGUEL

O surto romanesco, no Brasil, durante a década de setenta, aqui (*) abordado em títulos bastante significativos, se caracteriza basicamente por dois aspectos: de um lado a pesquisa expressional, enquanto forma de narrar a ser inovada; e de outro, a reflexão, um mergulho dramático na realidade do período, com seus entrelaços e lutas sociais, através de textos que investigam o País e suas contradições intrínsecas e extrínsecas.

Nos títulos, selecionados entre um número bem mais amplo, procura Janete Gaspar Machado traçar a curva evolutiva da ficção do nosso tempo e detectar suas tendências mais evidentes.

Como constatamos a autora, algumas constantes ficcionais levantadas servem para balizar a literatura do gênero na última década. E ao aproximar autores tão diferentes entre si na concepção e na compreensão dos fenômenos literário e social, ela não o faz arbitrariamente. Sente que tais escritores trabalham com referenciais marcados pela significação histórica e sob o impacto do momento que vivem; e sobre tais referenciais se debruçam no intuito de dar o seu testemunho, extraindo elementos que lhes permitam um recado estético e humano válido, ao mesmo tempo em que examinam como um todo a realidade que os cerca.

Significativamente, ela abre seu trabalho com *A festa* e o fecha com *Zero*, buscando nestes textos inquietos e instigantes um fio condutor e pontos de contacto, numa aproximação que irá ajudá-la na análise dos demais. É uma tarefa de interpretação do fenômeno estético, com suas imbricações, e de recuperação da memória nacional, como testemunho.

Outra observação que se faz necessária é que à exceção de Galvez de Márcio Souza, (numa linhagem picaresca incomum na literatura brasileira e num mergulho no passado) e *Essa Terra*, de Antônio Torres, (num retorno ao regionalismo, ao romance rural de fundas ressonâncias sociais e que é uma constante na prosa brasileira), os demais livros escolhidos se inserem na linha da literatura urbana. E revelam claramente os entrelaços da cidade grande, o esfacelamento de personalidades, o problema do êxodo rural e da marginalização, a violência implícita ou explícita naquele viver, a inadaptabilidade em muitos casos ao novo meio — e as consequências advindas de tudo isto.

A visão que o trabalho oferece do contexto sócio-cultural em que foram produzidos os romances está devidamente marcada. E embora a aproximação entre eles exista e esteja bem anotada, existe e é igualmente anotada a personalidade própria e a diversidade de enfoque de cada autor, com sua formação específica, a maneira peculiar de encarar o bicho homem e seu inter-relacionamento com a sociedade e o meio ambiente, o modo de narrar tudo isto e o que (e quanto) conseguem extrair dali em termos de realização artística e retrato da realidade.

A proposta de Janete, como hipótese de trabalho, é fascinante. Ela procura algumas coordenadas básicas, algumas matrizes que servem para determinar o campo da pesquisa, delimitando-o, também, no tempo e no espaço. E por intermédio delas chega a percutientes conclusões a respeito do momento literário e do panorama político-social, com todas as suas implicações e consequências.

Mas se há uma constante que permanece, que se fixa e firma, que nunca some, da *Introdução à Conclusão*, a marcar fundamentalmente o trabalho, é o fato político. Mesmo quando ela anota que existe uma busca exaustiva de valores ficcionais novos e mais profundos, a contribuição específica de cada autor estudado, a procura ininterrupta de inovações expressivas e textuais, está sempre implícita no texto de Janete a reflexão sobre a realidade e o momento que o País atravessou durante a década de se-

Na ficção um testemunho da realidade



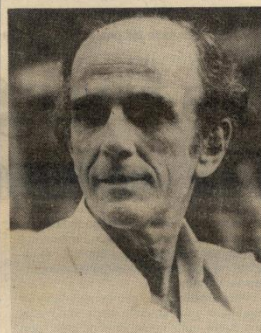
Ernesto Sabato



Ivan Ângelo



Márcio Souza



Rubem Fonseca



Moacyr Scliar



Ignácio de Loyola Brandão

tenta, presentificado nos romances analisados.

A abordagem procurou, então, levar em consideração não só as várias vertentes em que o romance brasileiro se bifurca, na tentativa de uma identidade, rompendo com estruturas tradicionais, com linearidade e cronologia, com estilos e linguagem ultrapassados, mas também aquelas constantes que se referiram ao meio social e ao clima sócio-político existente no período abarcado pela pesquisa.

A autora também explica e justifica porque, entre mais de 200 títulos expressivos arrolados, escolheu estes onze e

gem do universo ficcional que é praticado no País, como revelar a diversidade e inventiva dos criadores. E, também, deixar patente como dentro de outras perspectivas históricas, de formação, de espaço, de localização, de cultura, de civilização, é possível remeter o leitor para uma mesma realidade crítica, equiparando-a ao tempo presente. Pois os problemas subjacentes no Galvez de ontem e no *Essa Terra* rural, podem, é quase certo, ser transplantados para o Brasil urbano de hoje e colocados em confronto.

O trabalho de Janete é bastante rico em sugestões e interrogações, em afirmações e esclarecimentos. Mas a riqueza da ficção brasileira nos parece, sob muitos aspectos, tamanha, que outras colocações também pertinentes poderiam ser, por igual, levantadas.

Por exemplo, se no angustiante *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, há, por vezes, a utilização da técnica do romance-reportagem que marcaria a obra de um José Louzeiro, em *A Festa*, de Ivan Ângelo, além do retrato grave de um momento, uma constante é o uso da meta-linguagem. Já no *Caso Morel*, de Rubem Fonseca, talvez valesse a pena uma aproximação com o *Túnel*, de Ernesto Sabato, no qual está presente o mesmo tema: também aqui não só um pintor, mas um pintor que da mesma forma assassina a amante num acesso de ciúme. E, ainda, o fato de ser este o único romance de um ficcionista conhecido por seus contos, cabendo a indagação: em que medida o contista interfere, consciente ou inconscientemente, no trabalho do romancista.

A propósito de *Cabeça de papel*, de Paulo Francis, a anotação poderia ser outra: até que ponto o jornalista agressivo e o crítico implacável estão envolvidos na atividade do ficcionista (considerando-se aí a eterna discussão da atividade paralela jornalista-escritor e se uma beneficia ou não a outra) e até onde a forte personalidade do autor penetra em todas as situações e personagens. Ele não esconde (ou não consegue esconder) sua presença no livro, o que cria uma certa dubiedade. Por outro lado, em *Mês de Cães danados*, de Moacyr Scliar, constata-se se este um dos raros casos onde a temática judia não é predominante na obra do autor. Enquanto isto, em *Os que Labem com os cães*, de Assis Brasil, romance denso, o autor, eternamente insatisfeito, persegue novas formas de narrar, numa pesquisa que é permanente no seu labor.

A dimensão fantástica em *Confissões de Ralfo*, de Sérgio Sant'Anna, está bem explicitada; mas por trás dela existem segundas e terceiras leituras que remetem o leitor a novas reflexões; o mesmo ocorre com *Quatro Olhos*, de Renato Pompeu, angustiante experiência de vida transplantada, ainda sangrando, para o campo da ficção. E *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, com seu mundo contraditório, tão contraditório quanto a carreira do livro, lançado no Exterior primeiro, depois publicado e a seguir proibido no Brasil, incorpora à prosa ficcional outras formas de expressão, alargando seu campo de atuação até dimensões desconhecidas.

Embora sem a devida perspectiva do tempo, sem um distanciamento adequado, a incorporação dos autores estudados à literatura brasileira já nos parece ponto pacífico. Pelo que acrescentam não só à ficção, renovando-a, mas a uma experiência de vida, enriquecendo-a.

Pode e deve — portanto, ser tentada — como foi com êxito — uma análise valorativa, do conteúdo e da forma, levantando-se algumas de suas constantes temáticas e iluminando a maneira de ser e de reagir diante da realidade circundante e do fenômeno da criação literária de alguns nomes tão diferenciados entre si e tão expressivos de nossa prosa atual.

(*) Os Romances Brasileiros nos Anos 70 (fragmentação social e estética), de Janete Machado Gaspar, Editora da UFSC, Florianópolis

007: O conto na literatura catarinense

MIGUEL, Salim. O conto na literatura catarinense. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29 de ago. de 1981, pag. 5. Letras & Livros.

O conto na literatura catarinense

SALIM MIGUEL

NÃO há, na verdade, uma contínua e expressiva tradição literária em Santa Catarina, com muitos nomes significativos em qualquer área. Se na poesia um Cruz e Souza se destaca, altaneiro e solidário, colocando-se entre os vultos mais importantes não só do simbolismo, mas de toda a produção poética brasileira, o mesmo já não ocorre na prosa de ficção do passado. O presente é mais promissor, embora haja necessidade de uma triagem que só a passagem do tempo, com seu distanciamento, permitirá.

Onde se podem detectar alguns nomes com uma contribuição própria é na história curta. No romance, teríamos, sem entrar no mérito ou num juízo valorativo extremo, um Tito Carvalho, uma Lausimar Laus, um Almiro Caldeira, um A. Sanford Vasconcelos, um Guido Wilmar Sassi, um Ricardo Hoffmann.

Já a história curta começa a existir, como realização de algum valor, bem antes, a partir de Virgílio Várzea; passa, a seguir, por Othon Gama D'Eça e a geração da Academia Catarinense de Letras; vem depois o Grupo Sul; e desemboca,

então no momento atual, talvez o mais numeroso e diversificado.

Mas existem, nisto, longos hiatos, como se tudo fosse se processando por ciclos estanques. Se não, vejamos:

Virgílio Várzea é um nome isolado, como o é um Othon Gama D'Eça. Depois há o vulto igualmente isolado de Tito Carvalho. Mais tarde, o Grupo Sul, que busca uma proposta nova em termos de criação e (re)visão do fenômeno literário como um todo indissolúvel. E daí, ao agora.

Cronologicamente, o trabalho de Várzea é dos fins do século passado e inícios do atual; D'Eça das primeiras décadas do século XX; Carvalho dos finais de 30; e o Grupo Sul da década de 50. A partir de então, até chegarmos à atualidade, nomes esparsos, como um Miro Morais, um Oldemar Menezes, um Emanuel Medeiros Vieira, um Flávio José Cardozo. A floração (vá lá o palavrão) de hoje, juntando gerações e tendências, revela talentos que continuam uma obra, começam ou se afirmam, procurando dar um recado humano e esteticamente válido.

Mas se não existe uma continuidade na literatura catarinense, há, isto sim, e é inquestionável, uma constante a marca-

la, um mesmo tema a percorrer todo este descontinuo caminho: a presença do mar. Que talvez se explique (ou não se explique), no todo ou em parte, pelo tipo de colonização do nosso litoral, todo feito por portugueses e acorianos.

Intente-se um breve apanhado e isto pode ser observado facilmente. A começar por Várzea, chamado, com algum exagero, o primeiro marinista da prosa brasileira, até os mais recentes autores, o mar é uma presença constante, diríamos mesmo até obsedante. Que está na obra de um D'Eça, um Holdemar Menezes, um Miro Morais, um Silveira de Souza, um Almiro Caldeira, um Flávio José Cardozo, um Raul Caldas, um Adolfo Boos Jr. Mesmo quando não está explícito, como nestes autores, encontra-se implícito no fazer literário de vários outros.

Outra vertente seria a regional, onde além de um Guido Wilmar Sassi (que transcende o regionalismo), estão um Tito Carvalho, um Enéas Athanázio, um Nelson Ubaldo. Outra a de fundo histórico. Mas há ainda vertentes (e ricas), que se entrelaçam e fundem. Analisando o aqui e o agora da nossa realidade, estão também autores que praticam a intros-

pecção, o fantástico, o memorialístico, o mítico e o real em todas as suas dimensões. O certo é que a prosa catarinense (e em especial o conto) começa a se fazer mais presente. E não apenas em termos de Estado. Hoje ela ultrapassa as nossas fronteiras, é parte integrante da literatura brasileira, com uma série de nomes que se podem ombrear, sem receio (e nisto não vai nenhuma espécie de oba-oba), com o que de melhor se está praticando em outras regiões do país.

Nos livros individuais que saíram ou estão saindo, e nas antologias (a começar pelo *Contistas Novos de Santa Catarina*, edição do Grupo Sul, coordenação de Osvaldo F. de Melo e Salim Miguel, passando pelo *Panorama do Conto Catarinense*, de Iaponan Soares, indo até *Assim Escrevem os Catarinenses*, organizado por Emanuel Medeiros Vieira, e chegando ao *21 Dedos de Prosa*, editado pela ACES(Cambirela), temos um abrangente mapeamento do conto catarinense, suas tendências e variantes, seus cultoras "efetivos" ou "esporádicos", todos atentos ao que se vem realizando e procurando dar uma contribuição pessoal e original para a afirmação do gênero.

1981

008: A simbologia dos naufragos na ficção de Mário Pontes

MIGUEL, Salim. A simbologia dos naufragos na ficção de Mário Pontes

A simbologia dos naufragos na ficção de Mário Pontes



MARIO PONTES
Ninguém Ama os Naufragos

EDITORA NOVA FRONTEIRA

SALIM MIGUEL

A ambientação deste primeiro romance^(*) de Mário Pontes é a mesma de seu livro anterior, *Milagre na Salina* (contos). Estamos, outra vez, em Nova-Esperança, lugarejo nordestino que já conhecemos. E para nos (re) introduzir em seu universo ficcional, o autor se utiliza de um artifício: Ribes, o pressuposto narrador, que é também personagem, bem mais tarde, ao procurar reconstituir e relatar os fatos então ocorridos, começaria à maneira dos antigos cronistas: "Era ao anoitecer de segunda-feira, 11 de janeiro". Logo este tom é abandonado para ser retomado ao final.

Para Mário Pontes, isto (a linguagem do contador da história) não só é deliberada, como também uma "espécie de dívida que o autor paga aos narradores populares, contadores de causos e cantadores de viola, com quem convivi na infância e foram meus primeiros mestres". E que tão fundamente o marcariam.

Então, numa trama complexa na sua aparente simplicidade, uma extensa galeria de tipos, bem diferenciados na maneira de agir e reagir, começa a transitar, todos entrelaçados e inter-relacionados. Através de uma palavra, um gesto, uma sugestão, Mário Pontes traça a psicologia e fixa a personalidade de cada qual deles, com seus problemas específicos, incertezas e esperanças, compondo um microcosmo que reflete o ser humano em todas as suas dimensões e perplexidades.

O motivo aparente que deflagra e acelera a ação é a aproximação de um destacamento desgarrado da Coluna Prestes. Como um rastilho, a notícia se difunde. Seu mito, sua aura, causam temor e expectativa. A cidade se mobiliza.

O período: segunda semana de janeiro de 1926. E muito embora a chegada dos revoltosos à cidade não se concretize, em cada personagem ela provoca uma reação, emoções contraditórias, acirrando animosidades que jaziam latentes.

Ainda que centrada no professor, vítima final de tudo aquilo, a simbologia

dos naufragos tem, por suas implicações, um alcance bem mais amplo. Contra-pondo-se a ele, também vítima, um ex-empregado do circo. Com isto Mário Pontes une as pontas de sua história, pois por intermédio destes dois seres na aparência tão diversos, ele interliga os demais. E deixa entrever que, de uma maneira ou outra, naufragos todos são.

Sabendo, com maestria, construir e manter o clima, erguer e manipular sua miúda humanidade, num estilo enxuto e numa estruturação direta, Mário Pontes cria situações que, ao mesmo tempo, influem no comportamento dos personagens e resultam no envolvimento do leitor.

É o incêndio do circo e é o mundinho da farmácia onde os boatos fervilham; é o bar com sua fauna e é a igreja com seu mistério; é a política e é a indefinição.

E, também, são, entre outros, estranhas e humanas figuras como Madá e Chico/Tupã, o professor e Ribes, Bianor e Lobo, Dona Flávia e o padre, gente-gente, autêntica e sofrida.

Na sua montagem seqüencial, o livro tem uma grande força, tem humor, tem ironia, tem drama e tem comédia. Mas o que toca mais fundo, resultado dessa fusão, é o calor humano e a simpatia com que Mário Pontes encara sua gente e sua terra. Procurando compreendê-la e fazer com que a compreendamos.

Nem importa seu final amargo e pessimista. Pois, como ele constata, saindo de um sonho mau é preciso que saibamos e "possamos nos preparar para o pesadelo seguinte".

E se por um lado o estilo preciso e a propriedade narrativa possuem poder de fruição e possibilitam um livro que prende e inquieta, por outro temos uma reflexão exata sobre nosso tempo e nossa gente.

Crítico, ensaísta, estudioso do fenômeno literário e estético, sob vários aspectos a arte de Mário Pontes se situa numa família onde estão criadores do porte de um Gogol ou um Cesare Pavese.

(*) *Ninguém ama os naufragos*, romance de Mário Pontes, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981, pp. 198.

009: Um sombrio e denso retrato de família

MIGUEL, Salim. Um sombrio e denso retrato de família. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de out. de 1981, pag. 15. Letras & Livros.

SALIM MIGUEL

As famílias, com seu mundo sombrio e sua força narrativa, é a confirmação do talento de Adolfo Boos Jr. e da persistência (no trabalho) de um autor que acredita que arte é dez por cento inspiração e noventa por cento transpiração. Dono de uma linguagem própria e bastante peculiar, Boos já tem um lugar definido entre os mais expressivos contistas modernos brasileiros.

Diante disto, arrebatado, por unanimidade, o Prêmio Virgílio Várzea/1980, de contos, da Fundação Catarinense de Cultura, não causa surpresa a quem o conhece.

Anote-se que com as exceções de nomes do passado (um Virgílio Várzea, um Tito Carvalho, um Othon Gama D'Eca), a trajetória da ficção, em Santa Catarina, pode ser rastreada a partir do aparecimento do Grupo Sul (1948-58), que direta ou indiretamente influenciou as novas gerações. E é dentro desta perspectiva que se vem situar a arte de Adolfo Boos Jr. (ou A. Boos Jr., como começou assinando seus trabalhos), que teve seus primeiros contos publicados na revista Sul, e cujo primeiro livro — e até agora único — *Teodora & Cia* — apareceu igualmente pelas Edições Sul.

Mais de vinte anos passados, o livro mantém aquele frescor e aquela pureza (não isenta de amargor e de uma visão crítica da vida), de um primeiro trabalho, até mesmo com as naturais indecisões. E conserva intactas algumas das qualidades que tornaram seu autor não apenas uma promessa, porém uma das mais gratas revelações da ficção catarinense na década de 50.

Contos como *Teodora* ou *O Dia do Juízo*, *Em Surdina* ou *A Noite*, por exemplo, permanecem plenamente válidos, pelo tema e pelo tratamento, mostram a "queda" de Boos para o gênero, suas potencialidades como escritor que já começava a conhecer e dominar seu instrumento de trabalho, a plasticidade que identifica seu narrar.

Introspecção e humor marcavam a literatura de Boos. E se nela, de maneira geral, o psicológico já predomina, há sempre uma preocupação com o social. Também algumas influências podem ser detectadas. Em contos como *Teodora* nota-se o leitor atento de Graciliano Ramos. O que não é demérito para ninguém.

Depois do livro, e da boa receptividade, uma parada brusca e inesperada. Boos sumiu do território das letras. Na-

da mais publicou. Certamente devia continuar lendo muito, estudando, vivendo, aprofundando-se na teoria do fato literário e na análise do bicho-homem; mais certamente ainda continuava escrevendo (pois o vírus se infiltrara nele — e é impossível uma pessoa livrar-se da maldição do escrever). Mas a ninguém mostrava seus originais. Muito menos aceitava discutir a possibilidade de publicá-los. Negava mesmo tê-los.

De repente, da mesma forma que sumira, Boos retornou. Numa antologia (*Assim Escrevem os Catarinenses*) e nas revistas *Ficção* e *Status*.

Estes três contos revelavam não só o mesmo observador atento e interessado.

tendo o que dizer e sabendo como dizê-lo, mas um crescente domínio da técnica narrativa. Na briga para domar a palavra ele atinge o tom justo, a medida exata, indo até o mais profundo da psique humana e investigando-a exaustivamente.

Embora seus contos sejam mais de clima, de situações estanques, de localizações indefinidas do que de ação e terminações geográficas precisas, há sempre a permanência de alguns elementos conhecidos e ambientes identificadores (tanto no interior da Bahia como nas prais de Florianópolis, ou ainda na maneira de as personagens se colocarem diante de tudo que as cerca) e uma luta surda que se desenrola também no interior dessas mesmas personagens.

E o que ocorre, em dimensões abrangentes, neste *As Famílias*. Seja no triptico inicial *Os Retratos* a nosso ver a parte mais harmoniosa do livro, de gran-

de impacto emocional), seja nos dois contos sugestivamente intitulados *As manhãs de Antigamente*: 1 — *Um mar de enchovas*; e 2 — *Uma canoa, dois galos, uma cabra*; ou nos contos finais de *"Outras histórias"*, inventiva e dramaticidade se fundem, sendo todo o livro um mergulho profundo nas angústias e contradições do ser humano, suas perplexidades e seus desalentos, sua solidão e sua amargura — sem esquecer a problemática social que a tudo envolve.

Ao abordar o mundo altamente dramático da velhice e da deterioração, com suas mazelas e dores, seus desentendimentos e desencantos, o Boos o faz com extrema pertinência e com refinada sensibilidade, captando o instante exato em que as pessoas se apercebem de sua total fragilidade e da inutilidade de tudo.

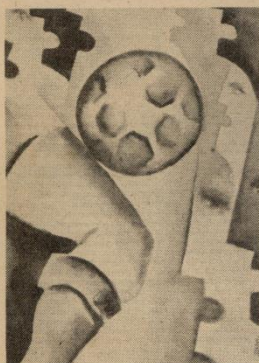
A linguagem de Boos é densa, contida, elaborada, carregada de símbolos. Boos pesa cada palavra, avalia-a, buscando seu significado mais íntimo, procurando recriá-la para nos transmitir a visão multifacetada de seu universo.

No triptico de abertura, *Os Retratos*, composto de *Requinta*: um; *A noiva*; *Requinta*: dois; temos a imagem fragmentada e reconstituída de três seres em final de caminhada (o que é uma das constantes do livro). E se cada um dos contos é uma peça autônoma e independente, com vida própria, os três juntos, com suas sugestões e recorrências, seus entretrens, adquirem dimensão maior. Se interligam pelo tema, pelo clima, pela justaposição de uma palavra ou imagem-chave, se complementam e fecham com absoluta precisão, criando três retratos de invulgar amplitude analítica e humana e de um impacto emocional e artístico raramente alcançado na moderna prosa brasileira.

Para sua fruição completa, o livro é um desafio ao leitor. Não é um livro fácil, digestivo, que se entregue a uma primeira e superficial leitura. Pelo contrário. Requer participação do leitor para que sejam capturadas todas as suas intenções. Exige releitura para a apreensão de todas as suas ambiguidades. E lembra, por vezes, o tratamento de um Adonias Filho, especialmente no volume *As velhas*. Ou então, um autor que quase certamente Boos não conhece: o hispano-americano José Donoso, com seu impressivo e angustioso *O Obscuro Pássaro da Noite*. Mas a possível ressonância de tais autores não diminui em nada o mérito deste *As Famílias*.

(.) *As Famílias*, contos, de Adolfo Boos Jr., 1º prêmio do Concurso de Contos Virgílio Várzea/1980, Edição da Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC.

Um sombrio e denso retrato de família



MIGUEL, Salim. Raimundo Magalhães Jr. A última visão. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 1982, pag. 8 e 9. Letras & Livros.

[illegible]

011: Cartas ao Correio

MIGUEL, Salim. Cartas ao Correio. **Correio das Artes**. João Pessoa, 17 de maio de 1992, pag. 2.

Foi com satisfação (e também, porque negar, um tantinho emocionado) que recebi **Correio das Artes** de 1º e 15 de março.

Explico: é que fui colaborador da primeira fase, à época do Edson Regis. Bem mais tarde, numa outra fase, voltei a receber o suplemento. Acionado por ele, recuo. A memória é ativada. Busco recuperar o passado.

Meus parabéns a todos que tornam isto possível.

Escreva, dê notícias. Abraços.

012: Ascendino Leite, escritor

MIGUEL, Salim. Ascendino Leite, escritor. *Correio das Artes*. João Pessoa, 1 e ago. de 1999, pag. 08.

Ascendino Leite, escritor

*Salim Miguel

João Pessoa, fins de março. Eu havia recebido um convite da Yô e do Cláudio Lima para as comemorações do cinquentenário do "Correio das Artes". Ao aceitá-lo, disse que gostaria de me encontrar com Ascendino Leite. Continuava tendo notícias dele, recebia seus livros, lia-os e as colaborações na imprensa, mas há três décadas não nos víamos.

Jornalista, poeta, romancista, tradutor; uma vida inteira, de mais de 80 anos, dedicada às letras. Tudo ele sabe transmitir com extrema sensibilidade e competência, mas onde Ascendino é único é em seu "Jornal Literário", que já ultrapassa os vinte volumes. Temos, ao mesmo tempo, um retrato de corpo inteiro do homem e do artista e, por igual, de um longo período da história do Brasil, anotado quase dia-a-dia. Ascendino Leite não é um memorialista, buscando recuperar o ontem, como Pedro Nava, mas alguém tentando preservar o presente vivo.

Não tenho como precisar o momento em que o conheci. Sei que, antes de conhecê-lo, tomei contato com sua obra, instigante e provocativa. Comecei por "Estética do Modernismo", crítica, onde discute alguns problemas de maneira polêmica, depois seu primeiro romance, "A Viúva Branca"; li também, a tradução de "Uma Vida", de Maupassant. E não demora estava lendo seu segundo romance "O Salto Mortal", texto denso, sobre um estranho triângulo amoroso, com laivos simbolistas, onde o poeta e o prosador se complementam, é hermético, enigmático e fascinante. Ascendino Leite pertence a uma família literária extremamente rara entre nós, intimista e introspectiva.

Adianto um trecho da conversa que mantivemos, no dia em que cheguei a João Pessoa. Disse-lhe de minha admiração por Cornélio Pena, autor de obra escassa e pouco conhecida, e que fico em dúvida se admiro mais "A Menina Morta" ou "Fronteira", embora também leia com agrado "Dois Romances de Nico Horta". Perguntei-lhe se ele não se julgava literalmente próximo... Não me deixou concluir, retrucando que conhecia Penna, mas não percebia tal aproximação.

A conversa, que deveria ser uma entrevista, durante o almoço, foi tumultuada. Todos quei-

ram ouvi-lo. Além do mais, o entrevistador falou quase tanto quanto o entrevistado. E a gravação foi interrompida, para ser retomada depois. O "depois" só aconteceu por telefone. Valho-me, então do pouco que foi preservado na memória.

Comecei perguntando por escritores paraibanos, José Américo de Almeida e José Lins do Rego; adiantei, antes de deixá-lo falar, que fora por intermédio deles que eu ficara admirando a terra paraibana e sua gente, antes mesmo de conhecer a Paraíba. Ascendino Leite concordou, falou

O que deve nos interessar é perquirir o ser humano em sua totalidade extrínseca e intrínseca, extrair-lhe o sumo, criar tipos que tenham autenticidade.

com entusiasmo de "A Bagaceira", romance pioneiro de Zé Américo, do "Ciclo da Cana de Açúcar" e, em especial, de "Fogo Morto", do Zé Lins. Mas fez questão de acentuar que existiam outros nomes importantes, como José Araújo Vieira, autor de oito romances, que ele comparava, pela perfeição do estilo, a Machado de Assis. Acrescentou: "Seu 'Vida e Aventuras de Pedro Malazartes', se escrito em outro idioma de mais trânsito, seria reconhecido como um clássico". Citou, ainda, Alyrio Meira Vanderley e seu romance proletário "Bolsos Vazios". Depois de uma pausa, alteou a voz e disse: "Como esquecer o Permínio Asfora, por sinal seu patrício, cuja obra ficcional é tão importante e tão pouco conhecida! Bastaria para confirmá-lo em nossa ficção 'Vento Nordeste'. Sei que Ariano Suassuna não aceita a referência, mas sem este romance não creio que teríamos hoje o 'Morte e Vida Severina'. Provoquei-o: 'E Ascendino Leite, onde situá-lo, já que estamos em terreno paraibano'? Ele reluta em discutir o assunto, pega o livro de poemas de Cruz e Sousa, fala de sua admiração pelo poeta tão sofrido e de tamanha força poética.

Pergunto então se um escritor depende

da vocação, da perseverança, da insatisfação com o realizado. Ascendino sorri, olha-nos, não titubeia: "Sim, tudo isto é básico, mas fundamental é saber ler, não apenas o ABC, ler sempre e muito, os bons autores para ver como chegaram até lá e os maus para não segui-los.

O que deve nos interessar é perquirir o ser humano em sua totalidade extrínseca e intrínseca, extrair-lhe o sumo, criar tipos que tenham autenticidade. O que me interessa é o povo e sua vivência". Ascendino busca tudo isso. Lê-lo, seja na poesia, na ficção, no jornal literário é penetrar num mundo pleno de indagações, com mais dúvidas do que certezas.

Havia muito o que discutir. Ficou para outra reunião, que infelizmente não aconteceu. Eu queria saber a opinião dele sobre escritores, os de ontem e os de hoje. Só houve tempo para Jorge Amado, de quem destacou "Gabriela, Cravo e Canela" e "Terras do Sem Fim", concordando quando perguntei por "A Morte e a Vida Severina"; e Marques Rebelo, de quem elogiou o estilo, a preocupação com a forma e o conteúdo, mostrando preferência por "O Espelho Partido", amplo painel, retrato de um Brasil multifacetado e de personalidades que aparecem com pseudônimos, mas facilmente identificáveis. Eu queria saber mais, de suas leituras, de suas influências, se nele não havia algo de um Julian Green, por exemplo. Discordou. Insisti, citei outros nomes. Em vão.

A conclusão é óbvia: quem desejar, não só conhecê-lo, mas também à sua profunda, diversificada e volumosa obra, pode começar por qualquer dos gêneros por ele praticados, que sairá enriquecido. Ou ir diretamente ao "Jornal Literário", pois ali irá encontrar, além do homem e do artista, um retrato de nosso tempo, com todas as suas contradições e entrechoques. Mas como estamos no Brasil, talvez não seja fácil encontrar os livros desse escritor, que merece ser mais conhecido e estudado.

013: Relendo Augusto dos Anjos

MIGUEL, Salim. Relendo Augusto dos Anjos. *Correio das Artes*. João Pessoa, 6 de jun. de 1999, pag. 13.

Relendo Augusto dos Anjos

Salim Miguel (*)

Nada como uma releitura para convalidar um autor e/ou um livro. Exemplos clássicos, entre nós, são Machado de Assis e *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O Bruxo do Cosme Velho não cansa de nos surpreender. Ficamos indecisos entre a escolha de seus contos, romances, crônicas como o *Velho Senado*, estudos como a análise da literatura brasileira. Não apenas isto: as releituras nos revelam novos aspectos de sua escrita, à medida em que ganhamos mais experiência de vida. E até hoje, cem anos depois, continuamos discutindo se Capitu traiu ou não Benetinho, no fascinante *Dom Casmurro*. Quanto a Manuel Antônio de Almeida, bastou-lhe um livro para fixar seu nome em nossas letras. E é com inconfundível entusiasmo que lemos/relemos as facécias do Sargento.

O mesmo ocorre com Augusto dos Anjos, também autor de um único livro, *Eu*, de poesia. Agora, ao receber um exemplar de sua fotobiografia, Augusto dos Anjos, a saga de um poeta, comemorativa dos cem anos de seu nascimento, depois de ler os estudos, ver o material fotográfico, a cronologia, não resisti, corri em busca do livrinho do poeta paraibano. Sim, pois, diante de outros poetas com dezenas de volumes publicados, é um livrinho. O que, de novo, nos prova que qualidade nada tem a ver com quantidade.

Minha geração foi marcada pelos versos de Augusto dos Anjos (1884/1914). Quase diria que, em determinado momento, ele nos atingiu mais fundo do que Cruz e Sousa ((1861/1898)). Em sua breve

existência, Augusto dos Anjos nos legou uma obra carregada de pessimismo, em linguagem difícil também carregada de cientificismos, que muitas vezes nos obrigava a recorrer ao dicionário. Por exemplo, o primeiro poema do livro, "Monólogo de uma sombra", começa assim: "Sou uma Sombra! Venho de outras eras/ Do cosmopolitismo das moneras" - e lá iam nós em busca do significado de "moneras".

Jovens inquietos, calcuriávamos as ruas na noite da pacata Florianópolis, levados pelo "velho vento vagabundo" de Cruz e Souza. Fechávamos bares como o Poema Bar, o Gato Preto, o João-bebe-água, um infecto lá pras bandas da ponte Hercílio Luz, outro nas imediações do Mercado Público, onde por vezes, quase ao amanhecer, víamos baleeiras descarregar peixe, legumes, verduras, frutas.

Ficávamos dizendo versos do poema, discutindo sua filosofia, sua estranha linguagem, sua dolorosa vida. Clamávamos: "Meia-noite. Ao meu quarto me recolho/ Meu Deus! E este morcego! E agora vede" procurando similitude com "O Corvo", de Edgar Allan Poe. Iamos, então na procura de outros, um insistia em dizer trechos de "As cismas do destino", que começa: "Recife. Ponte Buarque de Macedo/ Eu indo em direção à casa do Agra/ Assombrado com a minha sombra magra./ Pensava no Destino e tinha medo." Mas o que mais nos excitava, provocando infindáveis discussões, era o soneto "Versos Íntimos", que aqui transcrevo na íntegra, e que, relido, mais de 50

Tela de Flávio Tavares



anos passados, me causa idêntico frêmito e me devolve à juventude, embora hoje discorde da visão nihilista do Poeta: "Vês! Ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera/. Somente a ingratitude - esta pantera -/ foi tua companheira inesperável!// Acostuma-te à lama que te espera!/ O homem, que, nesta terra miserável, mora, entre feras, sente inevitável/ necessidade de também ser fera.// Toma um fósforo. Acende teu cigarro!/ O beijo, amigo, é a véspera do escarro./ A mão que afaga é a mesma que apedreja.// Se a alguém causa inda pena a tua chaga/ apedreja essa mão vil que te afaga/ escarra nessa boca que te beija!"

Será que as gerações de hoje ainda se deixam levar por estes versos?

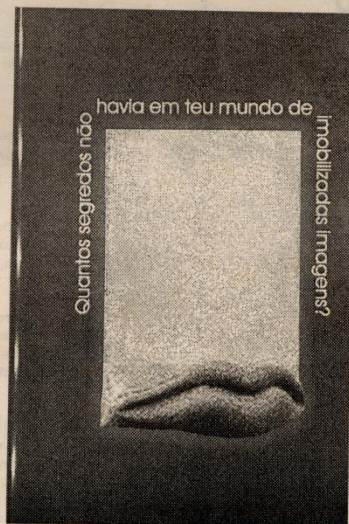
Poemas de Miguel Jorge

No Ringue

Ah! Como invejo aqueles
que sentem o amor
como se um deus
e dele falam com estardalhaço,
sem pontos de interrogação.

Não, não têm nenhuma outra história:
são eternos, bons amantes,
trocam de roupa, de carro e de relógio,
se limpam da poeira
e cometem os mesmos assassinatos
à volta do dia
ou nas dobras da noite.

O amor, para mim,
volta-me sempre
como dois muros em pleno rosto,
e me deixa marcas de roxo
em torno dos olhos.
É sempre Dioniso
a nascer e a morrer:
a morrer e a renascer.



De Vespas e de Anjos

Há restos nossos pela estrada,
refazendo antigos fios: o que
não se fez, não se fará, como
se sabe.

Há restos de nós pelas estradas.
Frases e sinais, muitas luas,
vespas, anjos a rondar por perto:
multiplicadas asas.

Há muito de nós pelos muros,
úmidos hieróglifos dos sonhos,
palavras perdidas e achadas,
mansamente devolvidas às
nossas bocas.

Mas há um outro ver. Um outro ouvir
nas roupas, folhas que caem, sopro
de mistério e tédio. A umidade
impubescente no chão, como se aqui
tudo vingasse. Pássaros não existem mais,
somente minhos onde se pode guardar
o verso-reverso da sorte
acossada pelas mãos que a ferem.

014: Sartre em Florianópolis

MIGUEL, Salim. Sartre em Florianópolis. *Correio das Artes*. João Pessoa, 7 de jan. de 2001, pag. 13.

Sartre em Florianópolis

Salim Miguel

Transcorria o ano de 1947. Melhor dizendo, 1947 chegava ao fim. Viviam ainda a efervescência de pós guerra, mas nada disso parecia afetar a pacatez a modorrenta Florianópolis. Alguns jovens não podiam se conformar. Queriam mexer com a cidadezinha, contestar os valores falsos ou verdadeiros que oprimavam tudo, sentindo-se intocáveis. Não para aqueles jovens, todos ou quase) na faixa dos vinte anos. Há algum tempo vinham se encontrando, discutindo, varavam noites em acalorados debates, já começavam a forçar as portas dos jornais. (O Estado, A Gazeta, Diário da Tarde) querendo dar um ecado, provocar, inquietar. Mas não hes bastava. O que fazer?

Em outros Estados, outros jovens eviam estar passando pelo mesmo rocesso. E o que faziam, ou tentavam fazer, começava a chegar até Florianópolis. Aqui também se discutia teatro, artes plásticas, cinema, música, literatura. Os jovens precisavam de um espaço onde pudessem se expressar com toda a liberdade. O ideal seria uma revista, que tivesse vida mais longa do que os jornais Cicutá (datilografado) e Folha da Juventude, de curta duração.

Durante semanas discutimos a revista, mais até do que o conteúdo da revista, o título e nos fixamos em SUL. (Bem depois ficaríamos sabendo que, em Buenos Aires, circulava uma importante revista denominada SUR). Para a revista eram necessários recursos – e recursos inexistentes. Foi então que um dos componentes do grupo propôs: “vamos montar um espetáculo teatral, pra isto não necessitamos de dinheiro”. Com a venda de ingressos, lançaríamos a sonhada revista.

Até aí tudo corria a contento. Contudo, sou obrigado a um velho chavão: a teoria na prática etc... Mas o que seria do mundo sem a persistência, a luta, o desafio! Alguém do gru-



po tinha qualquer experiência teatral? A não ser assistir a uns poucos espetáculos, na maioria inconsistentes, tínhamos lido muito sobre as novas encenações, conhecíamos Stanislavski, Meyerhold, Brecht, Gordon Craig. Será que bastava? Só tentando.

Pra concretizar a Revista, o espetáculo teatral precisava sair – e logo. O mais viável seriam três peças curtas, de um ato. As duas primeiras foram escolhidas logo: “O homem de flor na boca”, de Pirandello e “Como ele mentiu ao marido dela”, de Shaw. E a terceira? Não nos decidíamos, várias opções foram descartadas. O elenco das duas peças já estava ensaiando, quando o diretor veio com uma sugestão, e Sartre, por que não uma peça dele. O grupo já vinha lendo o pai do existencialismo, não só a ficção, como tam-

bém os textos filosóficos, alguns se davam ares de existencialistas a fim de chocar a burguesia. A idéia do diretor foi acolhido com entusiasmo. Havia um porém: o que de Sartre?

Até que falei do grupo de jovens, falei do diretor, só não dei nomes. Vou me limitar a um, o do diretor, Ody Fraga e Silva, que por então se assinava Ody F.S e mais adiante, já trabalhando em cinema (São Paulo) se tornaria conhecido como Ody Fraga. Foi ele que sugeriu: “adapto um dos contos de O muro” (livro que acabara de ser lançado no Brasil). E Ody fez a adaptação livre do conto “O quarto”, que no palco se chamou “As estátuas volantes”.

Em novembro de 1947, as três peças foram apresentadas para uma casa lotada e provocaram polêmica. Algumas pessoas conheciam de ler, ou de nome, Pirandello e Bernard Shaw, ambos prêmio Nobel de Literatura, raros tinham lido ou ouvido falar no tal de Sartre, que mais adiante recusaria o prêmio Nobel.

Me esforço, mas pouco ou nada consigo lembrar da peça de Sartre ou do conto no qual foi baseado. Sei que houve quem imaginasse ser mais uma brincadeira daqueles jovens, que se divertiam em provocar, inventando escritores.

Sartre foi apresentado ao público florianopolitano e, por certo, nunca soube que por aqui andou. Esta foi a primeira apresentação de um texto sartreano no Brasil, bem antes da provocativa “A P... respeitosa”, assim mesmo, com reticências, pois ninguém naquela época se atreveria a escrever em letra de forma toda a palavra “prostituta”.

Como consequência de todo o esforço, a arrecadação na bilheteria foi o suficiente para garantir o lançamento dos dois primeiros números da Revista SUL.

(*) Escritor catarinense

015: Um escritor de ficção

MIGUEL, Salim. Um escritor de ficção. *Correio das Artes*. João Pessoa, 4 de fev. de 2001, pag.04.

Um escritor de ficção

Salim Miguel *

Na crônica "Sartre em Florianópolis", falei incidentalmente que algumas pessoas, já escabridas com o que o grupo de jovens vinha aprontando, duvidavam da existência do "tal de Sartre". Os mais bem informados conheciam Pirandello e Shaw. Nesse meio tempo já havia surgido a revista Sul, publicando prosadores e poetas, críticos e ensaístas; novos artistas plásticos colaboravam com ilustrações, criava-se um clube de cinema, discutia-se dodecafonismo, pensava-se em outros espetáculos teatrais – e até se conseguia uma página literária no jornal "O Estado", tudo sob a responsabilidade do Círculo de Arte Moderna, clara referência à Semana de Arte Moderna de 1922, embora mais adiante passasse a ser denominado de Grupo Sul.

Certo dia alguém brincou: já que nos atribuíram o Sartre, porque não criamos um escritor? A brincadeira evoluiu, o primeiro a surgir foi o nome do escritor, James F. Wyngate, não demorou o título do romance (sim, tinha de ser um romance), *The last day* (O último dia). De que trataria? De momento, isso era secundário. A ideia era cada componente do grupo escrever um capítulo. Mas havia necessidade de uma linha, ainda que tênue, um ponto de partida. O romance seria publicado semanalmente, em capítulos, na Página Literária de "O Estado". Imprescindível criar uma biografia para o escritor. E certo dia lá estava a informação sucinta, dizendo tratar-se de um jovem autor inglês, ainda quase desconhecido, mesmo em sua terra, mas já considerado um

ênulo de James Joyce (curiosa a coincidência do prenome) e que, ao traduzi-lo e publicá-lo, estávamos prestando um grande serviço às letras do Brasil.

Não havia mais como recuar. Das discussões surgiu afinal a "linha tênue". Um homem importante moraria em Londres e havia necessidade de reunir ali, o mais rapidamente possível, todos os seus parentes espalhados pelo mundo. Foi decidido que não se revelaria o teor do capítulo antes da publicação e que cada final deveria conter dificuldades crescentes para o autor do episódio seguinte. O primeiro capítulo chamou-se "Zabel, o morto". No início foi uma empolgação só, entre os *ghost writers*. Não demoraram os questionamentos: como se tinha conseguido o exemplar do romance como chegaremos ao Autor, e os direitos autorais? Para tudo se inventava uma saída pouco importando se nela não houvesse um pinga de lógica. Dez capítulos foram publicados. O plano era que todos os membros do Grupo Sul participassem, nada impedindo a repetição de autores. Muito embora os leitores do romance aumentassem a cada semana, chegaram-se a um ponto de saturação e a brincadeira perdida a graça. Se bem que hoje eu desconfio que o *imbroglio* do enredo tenha contribuído para isso. Deixada de lado a coerência, a "tênue linha" persistia. Em cada episódio, um novo personagem, partindo de um dos quatro cantos do mundo, se dirigia a Londres. Depois do décimo capítulo, de repente, o silêncio, apesar da cobrança dos leitores.

Se *The Last day* jamais foi retomado, o indigitado autor conseguiu sobreviver por algum tempo (e neste justo momento ressuscita). Entre vários, cito dois episódios exemplares: alguém, desconfiado daqueles jovens, que tantas aprontavam, foi à Enciclopédia Britânica – e lá encontrou um Wyngate, mas que não era James F. nem escritor. Veio cobrir dos jovens. A saída foi simples, não podíamos afirmar, mas quem sabe fosse um parente, o James era ainda muito jovem para ser verbete, embora já com nome firmado nos meios intelectuais; o outro alguém foi mais longe, disse que estava acompanhando com vivo interesse a trama do romance, mas na nota biográfica anotara um equívoco, ele tinha certeza de já haver lido, em revista do Rio ou de São Paulo, um trecho de outro livro daquele autor, portanto, não era a primeira vez que apreciava algo de Wyngate no Brasil; lamentava não se lembrar do nome da revista.

O fantasma de James F. Wyngate agora me provoca. Quer porque quer eu recolha das páginas de "O Estado", de 50 anos atrás, aquela parte de sua "obra" e a publique assim mesmo, sem necessidade de dar um fecho à história – se é que há fecho possível...

Quem sabe um dia qualquer eu não venha a fazer isso. Meu receio é que surjam novos leitores revelando que já leram, em espanhol ou francês, a íntegra do romance e que o Autor, nessa nova edição, mexeu muito no texto...

016: Um almoço com Zé Lins

MIGUEL, Salim. Um almoço com Zé Lins. *Correio das Artes*. João Pessoa, 29 e 30 set. de 2001, pag. 05.

Um almoço com Zé Lins

Salim Miguel

Foi no Rio de Janeiro, em 1950. Alguns jovens, pertencentes ao Grupo Sul, movimento cultural de Florianópolis, anseiam conhecer a "Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil". A revista SUL, carro-chefe do Grupo, circulando desde 1948, já contava com leitores e colaboradores, não só no Rio.

Os jovens vão à luta. Conseguem, com o prefeito da cidade, passagens pelo navio Carl Hoepcke. No Rio, Paschoal Carlos Magno, que assistira em Florianópolis à apresentação da peça *Cândida*, de Bernard Shaw, encenada pelo Grupo, lhes garantiu hospedagem e alimentação na Casa do Estudante do Brasil. E com Jorge Lacerda que dirigia o prestigioso suplemento literário *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, e Marques Rebelo, escritor amigo do Grupo, contatos com o mundo cultural da Capital da República.

Uma vez no Rio, claro que se deixam fascinar pela Capital Federal, visitam pontos turísticos, a Urca, o Corcovado, as praias, o Museu de Belas Artes... Querem mais: assistir às peças de teatro, ir aos cinemas. Mas querem especialmente, conhecer Drummond, Graciliano, Bandeira, Aníbal Machado, Adonias Filho, José Lins do Rego, Eneida, Álvaro Moreyra, entre outros. Vão conseguindo.

Depois de um encontro com Zé Lins, convidam-no para um almoço. Baixote, gordinho, extrovertido, apaixonado por futebol, o autor de *Fogo Morto* só não imaginava que aquela meia dúzia de provincianos a levá-lo para almoçar no bandeirão da Casa do Estudante do Brasil. A conversa correu solta e animada, os jovens falaram de tudo e até discutiram a obra do escritor. Não demora, na prestigiosa coluna que mantinha em *O Jornal*, José Lins do Rego publica saborosa crônica sobre o almoço.

Vejo-me na obrigação, neste ponto, de abandonar a terceira pessoa e passar para primeira do singular. Eu era um daqueles jovens.

Pulo da década de cinquenta para a de setenta. Estou morando no Rio. Marcos Farias, produtor e diretor, egresso do Grupo Sul, com quem a Eglê e eu havíamos feito a adaptação e roteiro do conto "A cartomante", de Machado de Assis, nos aparecia agora com um projeto bem mais ambicioso: adaptação e roteiro da obra-prima de Zé Lins, *Fogo Morto*.

Não foi fácil a tarefa. O romance resumia todo o universo ficcional do Escritor e oferecia numerosas possibilidades de tratamento. Depois de muita discussão, optamos pela que nos pareceu mais adequada para o momento. O filme, todo rodado na Paraíba, representou o Brasil no Festival de Berlim de 1976.

Recuo, estamos em 1957. A revista Sul e o Grupo, que duraram dez anos, chegam ao fim. Morre José Lins do Rego. E no último número da Revista, o 30, noticiamos o falecimento do escritor, ao mesmo tempo em que transcreviamos a crônica que ele publicara sobre nosso almoço.

Parece-me oportuno, agora que se comemoram os cem anos de nascimento de José Lins do Rego, a republicação destas duas matérias. Infelizmente outra crônica, do mesmo ano de 1950, onde ele cita um verso da Eglê Malheiros ("O choro de todos que choram/lavou o limo do EU"), nós a perdemos.

■ Escritor catarinense

José Lins do Rego

Com a morte de José Lins do Rego perde-se a literatura brasileira uma de suas figuras mais importantes. Principalmente o José Lins do ciclo da cana-de-açúcar, o José Lins memorialista, que nos dá um vasto painel de um determinado período da vida brasileira no Nordeste. Figura humana impressionante, não sabemos qual o mais importante, no caso de uma dissociação, se o Zé Lins escritor ou o Zé Lins pessoa.

A recordação que nós da "SUL" temos dele é das mais simpáticas. Foi em 1950, quando uma turma da revista fez uma visita de um mês ao Rio a convite desta outra admirável figura que é Paschoal Carlos Magno.

Muitos visitavam o Rio pela primeira vez – e com esta curiosidade de todo o provinciano, desejavam conhecer o maior número de pessoas. Uma visita a Zé Lins era imprescindível.

Depois da visita, um convite para almoço. Levamo-lo ao restaurante da Casa do Estudante do Brasil, no Largo da Carioca. Tínhamos resolvido fazer-lhe uma surpresa. José Lins do Rego recebeu a sua ficha, entrou na fila como todos nós, aceitou a coisa esportivamente, tivemos uma longa conversa, ele com uma incrível boa vontade, escutava nossa interminável narração da viagem até o Rio, dos planos, dos sonhos. Não se fazia de escritor famoso, não posava de intelectual de renome – mas aceitava tudo naturalmente, conversamos como pessoas iguais, não uns desconhecidos com um dos nomes mais em evidência nas letras do Brasil.

Nos despedimos e dias depois fomos ver na coluna que ele mantinha no "Jornal" a crônica abaixo:

Homens, colsas e letras Os "Brotinhos" do Sul José Lins do Rego

Os rapazes da "Revista Sul", de Florianópolis, deram-me um almoço, na Casa do Estudante, e para o balzaqueano foi uma honra e um encanto o convívio de gente tão cheia de vida e entusiasmo pelas letras. Compareceu também a comida um broto de Cataguazes, e todos estivemos numa conversa, a princípio, desconfiada, para depois chegarmos à melhor camaradagem possível. Os rapazes vieram ao Rio a passeio, e a bordo dum minino navio catarinense que, de tanto jogo, quase que matou o magro e ruivo companheiro de cabelos de fogo. As peripécias da viagem passaram como em filme de aventura, onde entrou um D. Juan, o menor do grupo, que se deu a conquistas fáceis, entre alegres senhoras que mudavam de pouso.

Senti-me rapaz, estudante de Recife, na convivência dos moços do Sul. O mineiro de Cataguazes, como todo bom mineiro, mesmo mineiro de verdes anos, sorria, ao modo da gente montanhosa. O ruivo Archibaldo Neves, o moreno Salim Miguel, o pequenino D. Juan, o alto e simpático que se sentou à cabeceira da mesa, todos me deram a impressão melhor que poderia ter. São todos naturezas possuídas pelo alto e superior gosto das letras e só aspiram as glórias das artes. Ouvi-os e com eles entrar em debate sobre literatura é estar na intimidade dos que não se sujaram com as mesquinhas das competições espúrias. O mineiro levava o seu livro de poemas de estréia, "O Centauro", com uma dedicatória a caráter: "Para Zé Lins do Rego, lendo ou não lendo, esta homenagem". Deixei-os, na Avenida, e vendo-me cercado de tanta gente moça, o balzaqueano Jayme Adour da Câmara, babado de inveja, gritou: "Cultivando a nova geração, seu José Lins?"

Não estava cultivando, no sentido da malícia do Jayme, homem de tantas malícias, estava honrado com as homenagens. E era muito.

"O Jornal" – Rio, 20-01-1950.

017: Jorge Amado: maior prêmio do escritor é ser lido

MIGUEL, Salim. Jorge Amado: maior prêmio do escritor é ser lido. Correio das Artes.

João Pessoa, 2 e 3 de mar. de 2002, pag. 10 e 11.

Jorge Amado: maior prêmio do escritor é ser lido

Jorge Amado: maior prêmio

Salim Miguel

FUI conhecer Jorge Amado (e também seu irmão James), em 1954, durante o Congresso de Intelectuais, realizado em Goiânia. Eu já tinha lido os livros do Jorge e também o romance **Chamado do mar**, do James, publicado em 1949 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. Na mesma década de 50, eu fora uma espécie de correspondente, em Florianópolis, do jornal cultural **Para Todos**, que tinha como diretor Jorge Amado e que, décadas antes, existira como revista, criada por Álvaro Moreyra. Acompanhei sempre a trajetória de Jorge Amado e mantive eventuais contatos com ele. Quando já residíamos no Rio, na década de 60, Eglê e eu colaboramos na agência de James Amado e Miélio Tati, que distribuía para a imprensa matérias sobre livros. Sobre Jorge, cheguei a publicar registros de seus livros em colunas literárias que mantive em vários jornais. Mas só em 1984 publiquei, quando do lançamento de **Tocaia Grande**, uma entrevista com o título de **Jorge Amado: o maior prêmio do escritor é ser lido** e uma crítica intitulada **O personagem natureza em Tocaia Grande**. Meu contato mais demorado com o Escritor se deu em 1974, em sua casa no Rio Vermelho, Salvador. Foi quando, em dado momento, ele me disse que de seus livros o preferido **Tenda dos Milagres**. A entrevista de 1984 se deu de forma peculiar. Eu me encontrava no Rio e fui para a noite de autógrafos de **Tocaia Grande**, em Copacabana. A fila dobrava esquinas. Sentei ao lado do escritor e disse que precisava entrevistá-lo. Ele perguntou quando. Respondi: agora, e ele: aqui? e eu: sim. E foi entre um autógrafo e outro que a entrevista se realizou. Foi a última vez que conversei mais demoradamente com ele. Depois disso estivemos juntos nos Seminários de Literatura Nestlé. Por intermédio de amigos como James Amado, Hélio Pólvora e Valdomiro Santana acompanhei sua corajosa luta contra a doença e para continuar atuante.

Rio de Janeiro - 1984 - "Antigamente todos reclamavam por se descobrirem entre meus personagens, hoje se queixam porque não se encontram nas páginas de meus livros", a constatação é de Jorge Amado, pouco antes do lançamento, na Livraria Siciliano, em Copacabana, de seu último romance, **Tocaia Grande (A Face Obscura)**, que acaba de aparecer, pela Editora Record, numa tiragem de 150 mil exemplares.

Talvez por isso, ou para evitar as inevitáveis aproximações, Jorge insere logo nas páginas de abertura do livro o ineffectivo: *toda e qualquer semelhança de personagens e situações com personagens e situações da vida real será mera coincidência*.

Claro que pouco adiantará, prospecções detetivescas certamente já começam a ser feitas, na insaciável busca do "quem é quem".

Aos setenta e dois anos de idade, mais de 50 de literatura, mais de 20 livros publicados, Jorge não tem certeza do número de exemplares de sua obra até hoje vendidos, nem dos países nos quais sua obra foi, está ou virá a ser traduzida num tempo mais ou menos distante, do número de adaptações para o cinema, a TV, o teatro, o rádio.

Na tarde/noite de 22, durante mais de 5 horas, ele autógrafa, conforme informações de seu editor Alfredo Machado, e de Elia F. Edel, do Setor de DIVULGAÇÃO, cerca de 600 exemplares, enquanto isto, perto dele, em outra mesa, sua mulher **Zélia Gattai**, autógrafa **Senhora Dona do Balte**, também editado pela Record, seu terceiro livro. E a fã era substancial, cerca de 400 exemplares vendidos, o que causaria arrepios de satisfação para a grande maioria dos escritores brasileiros. Será só dos brasileiros? E Ela nos dizia: Ao sair o livro, dos 150 mil já estavam colocados 100 mil, e a previsão é que, logo logo, num prazo de pouco mais de 60 dias, a Editora estará rodando outros 50 mil exemplares.

Tudo isso representa o quê? Em termos de realização literária ou em termos de realização profissional, do ponto de vista da sobrevivência:

Bem, aí, o problema começa a se tornar mais complexo: Realizado, um autor, ser inquieto e insatisfeito por natureza, nunca se considera: agora, se considerarmos que só de direitos autorais, Jorge arrecada por mês em torno de R\$ 30 milhões, pode-se dizer que é ele um autor mais do que bem sucedido e que poderia tranquilamente abandonar as letras. Mas, uma vez atacado pelo vírus da escrita, não há por mais que se busque, e pesquise, antídoto possível.

E é certamente por isso que a primeira pergunta ele nem se detém na resposta, val logo dizendo, quando ela é desfechada da seguinte maneira: *como você se sente acabado este novo romance?*

Jorge Amado - Cansado. Se disser que escrevi o romance **Mar Morto** em 15 dias, tenho até vergonha. Sai da cadeia em 1946 e não pude ficar no Rio, tive que voltar para a Bahia. Precisava de dinheiro - a única forma de conseguir dinheiro era lançar um livro novo. Sentel e escrevi a história em 15 dias e não me senti cansado. Hoje a coisa é diferente. Quando em um dia de trabalho produzo duas páginas, acho ótimo, estou feliz da vida.

Mas este é um aspecto do problema. Existem outros. Jorge Amado hoje em dia não é mais dono de seu tempo, é um homem público. Em qualquer lugar que apareça é assediado, querem seu autógrafo, querem ouvir o que ele tem para dizer, querem tocá-lo. Daí continuar:

JA - Também é natural, não tenho mais capacidade de resistência. E minha vida é um inferno. Quando você chega a um certo momento de sua vida de escritor, principalmente um escritor que tem livros traduzidos em vários países, uma certa repercussão internacional, e uma porrada de livros, se você quiser

não faz mais nada, passa a viver de viagens. Só esse ano recusei oito convites internacionais. Do Canadá, das duas Alemanhas, da Iugoslávia, da Bulgária, para o Congresso de Escritores do Peru, da Colômbia, da Venezuela. E você não pode viver só indo a esses lugares.

Mas a coisa toda é bem mais complexa. Aqui mesmo no Brasil, Jorge hoje, não consegue escrever em suas casas do Rio Vermelho, na Bahia. Então, lá está no fim deste Tocaia Grande. Este romance foi escrito de déu em déu: em São Luiz do Maranhão, de maio a junho de 1982, em casa de Jeana e Eduardo Lago, no Estoril, em Portugal, em novembro de 1982, no Hoel E, em Itapoã, na Bahia, de março a novembro de 1983, em casa de Rizia e João, em Petrópolis, de abril a setembro de 1984, em casa de Glória e Alfredo Machado.

Em início de setembro estivemos com Jorge em São Paulo. A grande preocupação dele era fugir, esconder-se num buraco qualquer, pois precisava terminar o livro - que já tinha data marcada de lançamento.

Como escreve Jorge Amado? Qual o seu processo de criação? Cada escritor tem sua marca própria, seu estilo, sua visão do processo de encaminhamento de um trabalho, em especial na área da ficção, seu esquema.

Tomemos um exemplo concreto: Josué Montello. Para ele, cada edição de um livro é o mesmo livro e é outro. Veja-se o seu A Luz da Estrela Morta. Nas várias edições do romance, ele retoma e reelabora até a exaustão o texto. Isto não ocorre com Jorge Amado. Se a gente lhe pergunta: Você não está preocupado em reescrever o livro? Ele tem a resposta pronta:

JA - Nunca reescrevi um livro. Primeiro porque não tenho a tentação de reescrever, não sou um perfeccionista. Sou um escritor modesto, e acho que se você pegar um livro e reescrever, vinte anos depois, você está fugindo do que escreveu anteriormente. Não tenho nada contra quem faz isto, cada um tem sua experiência literária. No mais, acho o que escrevi em determinado momento da minha vida é o meu pensamento da época, é um determinado momento meu de ver o mundo. É o que eu podia fazer literariamente naquele momento.

Jorge escreve por compulsão. Mas diz que é preguiçoso. Será o sol da Bahia? A vida balana, o clima balano - tudo isto predispondo ao viver solto, ao tranqüilo e descontraído bate-papo?

JA - O de que eu gosto é de bater papo, de rever os amigos, de passear, de viver, mais do que escrever. Mas se você é escritor a coisa se impõe. Até porque eu podia viver com a renda dos meus livros, com as traduções do estrangeiro. Afinal, o que ganho dá para viver dignamente com minha família. Mas a coisa se impõe, repito.

Mito, fantasmas, obsessões antigas, o universo

Amo do escritor é ser lido

ficcional amadiano tão peculiar retorna de maneira forte nas páginas (mais de 500) deste *Tocala Grande*. Diz Jorge:

J.A. – Estou com 72 anos, e escrevi também este livro para voltar ao ambiente do cacau, da minha infância de onde nasci, das coisas que vi. Gozado é que foram lá ouvir o filho de Basilino. Hoje todo mundo quer ser meu personagem, houve um momento que ninguém queria ser. Muita gente até queria me matar. Às vezes um personagem meu são três ou quatro. Acontece até eu botar uma pessoa, no livro, com o próprio nome, por exemplo, botei o pai o **Jorge Medauar**, para prestar uma homenagem a ele, assim, como a mulher do Caribe, Auta Ros. No caso do **Medauar**, foi também uma homenagem a ele, que me deu todos os palavões em árabe que estão no livro.

Jorge, você pesquisa para escrever seus livros?

Neste romance, quase que não. Mas no caso de **Tieta**, sim. Tive que aprender sobre o problema do titânio. Todo o processo. Mas a gente acaba utilizando muito pouco da pesquisa, porém, sem ela você se sente inseguro. Em *Tocala*, não tive problema maior, mas necessitei estudar o linguajar da época, busquei saber sobre o problema do gado, coisa da formação da localidade.

E os personagens, como surgem?

J.A. – Depois de um livro a gente se sente meio vazio. Com o tempo novos projetos vão se armando. Alguns se concretizam, outros não. Al os personagens vão aparecendo. Os principais, naturalmente, estão mais ou menos delimitados. Mas é comum trocar nomes, é um horror. Peço para a Zelia, minha mulher, para amigos, corrigirem os originais. Mesmo assim acontece de alguns escaparem. Tem o caso de um que escapou. O chefe da estação tem dois nomes: Lorenzo e Dalvo.

E seu relacionamento com personagens?

J.A. – Bem, a coisa vai acontecendo. No diálogo final entre a **Coroca** e o **Natário**, que vão morrer, eles falam da vida, falam do amor. Eu tinha feito um diálogo quando o Natário diz que este é um lugar bom para viver, e ela que é bom para morrer. Aquilo foi como que inconsciente. Quando li, percebi que era o personagem que estava protestando, ele não queria morrer. Ai mudel, embora houvesse a necessidade daquela morte. Como os personagens ficam presentes, embora a morte exista, cada leitor tira a sua conclusão. Porque o romance você escreve e o leitor reescreve.

Mas afinal, o que é Tocala Grande, qual sua proposta, as histórias que por ela passam ou perpas-

sam? Tudo isso vai mais ou menos explicitado no subtítulo. A Face Obscura. Comemora-se setenta anos de fundação de Irisópolis e os cinquenta de sua elevação a cidade.

Temos então aquilo que todos conhecemos: a versão oficial, oficiosa, oficializada, de uma realidade que não é a real, nem a verdadeira.

Porque o povo está ausente, o povo miúdo que fez a cidade, uma cidade, como todas, feita de grandes e misérias.

Então, tomando este ponto de partida, Jorge Amado procura reconstituir o que era e como se fez aquela cidade, hoje, todos louvam mas, louvando, omittiram o fato básico: antes de ser Irisópolis, a cidade foi Tocala Grande, com todas as implicações que tal nome comporta. Lugar de gente miudinha, de aventureiros, de prostitutas, de mascates. Neste romance de jagunços está o Jorge que todos conhecemos de outros livros. Fiel a si mesmo, aos seus, à sua escritura e proposta de ficção. Querê-lo diferente é não reconhecer um fato básico, cada ser hu-

Jorge Amado quando acaba de botar na rua um novo filho?

J.A. – Sempre você tem um tema novo. Tenho um projeto antigo, **Guerreiros dos Santos**, tenho dele duas ou três cenas, mas o livro ainda está acontecendo. Pela minha experiência percebi que ele está acontecendo e não sei se viverei o tempo necessário para escrevê-lo. Gostaria muito de escrever este livro, que é sobre a nacionalidade brasileira. A visão do livro já tem vários anos. E ele está crescendo de uma forma que me alarma muito, no sentido da vastidão. Para dar uma idéia, no espaço de um ano, entre a morte de uma mãe de santo e a eleição de outra, a escolha do jogo pelo santo, vai acontecer o espaço de mais de cem anos de vida brasileira. Tenho outro projeto que tentei em vão começar. É a história de um jovem brasileiro, de 19-20 anos, que seria localizado por volta de 1968, quero mostrar o jovem brasileiro no tempo da ditadura. Penso que o livro será um jogo de equívocos.

E o início do trabalho?

J.A. – Não sei. Quando vou pegar nesses projetos não sei. Por outro lado seria um capítulo do romance com o árabe Fadul Abdala.

Então o Fadul minguou?

J.A. – Não, não. Ele tem a dimensão exata. Ele, o Natário, a Coroca... Todos têm a medida igual. Curioso: têm personagens que crescem, outros não. Um personagem você cria pensando que ele vai ter um destino grande no livro, acontece o contrário. Outros que surgem apenas para fazer o contraponto, acabam mudando. Exemplo: um personagem, Pedro Cigano, começa sendo apenas ponto de referência, e acaba morrendo ali.

Jorge, você é um homem curtido pela vida, por sua participação nas lutas do povo brasileiro, pelo lançamento de seus livros, verdadeiro acontecimento num país onde se lê pouco e não há de parte dos poderes públicos incentivo maior à cultura. Ainda assim o que sente você no lançamento de um novo livro?

J.A. – Sou um velho escritor, sou um escritor profissional, não tenho outro meio de subsistência senão meus livros. Mas sempre tenho expectativa, uma certa emoção. Claro, sou um pouco cansado de guerra, não posso mais ter a mesma emoção do estrear. Mas tenho a expectativa de saber o que é que o meu leitor, que vem me acompanhando, vai achar. Porque é infeliz o escritor que escreve pensando em ganhar prêmio literário. O melhor prêmio do escritor é ser lido pelos leitores.

Salim Miguel e Jorge Amado - Salvador, 1968



mano é o que é com suas qualidades e seus defeitos. E não se pode, de um momento para outro, depois de mais de 50 anos de atividade, exigir que um escritor se adapte às modas e às novas correntes. Muito menos extrair, como tem sido feito, por vezes, de dentro de seu texto, um determinado período, e dela partir para conclusões sobre a estrutura do texto, o processo de criação, a elaboração da narrativa.

Jorge não teoriza, não gosta de teorizar. Afirma, por exemplo, que considera o humor importante, "talvez mais do que um discurso político. Porque é mais contundente". Acrescenta que a intenção está dentro da vida. "Você pode fugir disso, e insiste:

J.A. – Sempre digo que sou um escritor, não um literato. Mas antes de tudo um romancista, só fiz romance. Eu sou gordo em literatura, o Graciliano Ramos era um magro. Mas essa é a única coisa que sei fazer.

E projetos, de que projetos nos pode falar

018: Machado de Assis ontem e hoje

MIGUEL, Salim. Machado de Assis ontem e hoje. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29 de mar. de 2008, pag. 5 e 6. Caderno Cultura.

Machado de Assis ontem e hoje

Em um artigo escrito há 50 anos, Salim Miguel identifica o contista nos romances da segunda fase e critica o trabalho de R. Magalhães Jr.

SALIM MIGUEL *

Foi aos oito ou nove anos, na Biguaçu da minha infância e adolescência, que em um almanaque conheci Machado de Assis, com sua *A Carolina*, um dos sonetos mais belos da nossa literatura e com certeza o melhor de toda a poética machadiana. Só em 1936, aos 12 anos, fui reencontrá-lo na *Selecta* em Prosa e Verso, com o texto *Um Apólogo*, história da linha e da agulha em prosa alégorica.

Era pouco, muito pouco, eu queria mais. O mais só chegaria alguns anos depois, na Biblioteca Pública do Estado, em Florianópolis. Era muito difícil encontrar livros de Machado de Assis nas livrarias antes que os direitos autorais tivessem caído em domínio público, em fins dos anos 1950. A editora que detinha com exclusividade os direitos autorais relutava ou mesmo se recusava a ceder um ou outro título, preferindo vender os três volumes das *Obras Completas*, que por sinal não eram tão completas assim, já que o infatigável R. Magalhães Jr. andava escavando, em publicações da segunda metade do século 19, contos de Machado, assinados com seu próprio nome ou com pseudônimos. O resultado do trabalho de Magalhães foi a publicação de vários livros de contos e aproveitei a oportunidade para aqui me penitenciar das críticas que lhe fiz no artigo que segue.

Em 1958, Hélio Pólvora dividia com José Cruz Medeiros a direção do *Boletim Bibliográfico Brasileiro* (BBB), no Rio de Janeiro. Ele preparava um número dedicado ao cinquentenário da morte do autor de *Dom Casmurro* e perguntou se eu colaboraria com um artigo, que foi publicado não só no BBB como também no jornal literário *Roteiro*, que começara a circular em Florianópolis. Meu artigo foi bem acolhido por leitores, amigos e escritores de várias regiões, recebendo mais encômios (será que tal palavra ainda se usa?) do que ressalvas, estas



O escritor e José de Alencar, no desenho de Cassio Loredano para Machado de Assis: *Um Gênio Brasileiro*, de Daniel Piza

principalmente porque no final do texto eu dizia estar o contista Machado presente em seus melhores romances da segunda fase.

Contudo, o artigo atravessou fronteiras, e pelo menos dois brasileiros, um francês e um americano, a ele se referiram em seus estudos sobre o autor. Falo de Jean-Michel Massa em seu livro *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado*

de Assis, de 1965, e Alberto I. Bagby Junior com seu *Machado de Assis Bibliography for 1956-74*, ensaio publicado na revista *Hispania* em 1975, do qual só fui tomar conhecimento em 1999 graças a Ubiratan Machado, que vasculhando a Biblioteca do Congresso em Washington encontrou a revista e apressou-se em me fazer uma cópia.

Relendo hoje meu artigo, manteria

a maioria das anotações nele contidas. Claro que passaram 50 anos de leituras e releituras da obra de Machado e de grande parte de sua fortuna crítica que a cada dia aumenta, o texto sofreria alterações. Como não penso escrever outro no transcurso do centenário da morte do escritor, e não mexo no que já publiquei, aí vai:

* Escritor

É a mais discutida e, certamente, a mais importante figura literária do Brasil. A cada dia que passa sua obra e personalidade vêm sendo mais estudadas à luz de novas descobertas, alargando-se sempre o círculo de estudos à proporção que as investigações vão se estendendo. E à medida que sua obra é analisada em profundidade, novas interpretações surgem. As exegeses, a respeito dos múltiplos aspectos, por vezes tão contraditórios e dispares, da vida e da obra, se entrecruzam, provocando debates aceros e violentos. Tudo isto é prova da vitalidade, da atualidade de Machado de Assis. Ataques, elogios – é um nome que pode ter tudo, pode ser tudo, menos esquecido. Sua importância, o significado de sua obra, os contrastes tão acentuados entre sua obra e sua vida, o funcionário cioso e metódico e o artista criador e insatisfeito, o homem do lar e para o lar e o escritor sensual até a exacerbação, tudo nele fascina, tudo nele atrai, tudo nele prende, fazendo com que ele domine, por assim dizer solitário, o panorama literário de um certo período do Brasil. Gostando-se ou não de Machado de Assis, gostando-se ou não do cidadão, ou da obra, ou de ambos, impossível esquecer e ignorar o que ele representou e representa literariamente para o Brasil.

Será possível então desligar-se o homem da obra, estudar um e outro isoladamente? A nosso ver sim, muito embora um complete e venha explicar inúmeras particularidades do outro. O erro maior em que incidem os detratores de Machado, quando querem falar de sua obra, é julgá-la tendo sempre em vista o autor em si, não uma projeção dele, um outro eu, uma outra personalidade na qual ele se desdobrava. Mas não é ainda propriamente disto que se trata. Ora, ninguém nega tenha sido, muitas vezes, Machado de Assis, como pessoa, uma figura antipática, com atitudes chocantes, por vezes mesmo sem um mínimo de simpatia humana, sem esse calor humano tão contagiante e confortador. Pois bem, não é com calor humano por mais contagiante e confortador que se faz boa literatura. Além de tudo é preciso saber compreender, é preciso ver o porquê das contraditórias atitudes e reações humanas. Machado de Assis procurou se esconder numa couraça, se isolar, fazer-se esquecer. Não para os outros. Mais para si mesmo – ou de si mesmo, de seu passado, de sua infância, da doença, dos complexos, da pobreza, de tudo o que havia de feio e mau. Por isto nos fazem sorrir algumas interpretações apressadas e primárias que não chegam ao fundo da questão. Ora vem um crítico e diz que Machado de Assis era católico, porque ia a missas de sétimo dia, mero ato de cortesia; ora diz que ele amava tanto sua cidade que nunca quis sair daí, quando muito bem se pode contrapor (e com maiores razões) que ele não saía devido aos complexos de doença e cor, mesmo à pobreza; ora se diz ainda que ele sempre foi um desligado do meio ambiente em que viveu; ora se toma o testemunho de um perso-

nagem para se falar de misantropia... no entanto, o problema é muito mais profundo, exigindo compreensão e análise para se chegar à raiz do fato.

Mas tudo desaparece quando se estuda o escritor, esse homem estranho que nos legou páginas das melhores da literatura brasileira, o genial criador da Capitu, do Quincas Borba, de Bentinho e de tantas outras personagens.

O valor da obra do autor de D. Casmurro cresce com o decorrer dos anos. E sua figura também sai maior, diluindo-se em bruma o homem seco que ele foi, o homem que esquecia as amizades, que esquecia os que o ajudaram na fase difícil. Mas também é bom lembrar que ao lado desse homem assim descrito, para nos confundir sempre, existia o outro, o que defendia até a última hora suas convicções, o suave cantor da "Carolina", o preocupado com os outros.

E a obra do pai da Capitu uma prova de tenacidade, de ingente esforço, de vitória sobre si mesmo e sobre o que pareciam ser suas limitações. Escrivendo desde cedo, e muito, somente com seus últimos livros conseguiu se realizar plenamente e nos legar uma obra que viria se tornar a mais importante e significativa da literatura brasileira. Por isto, ao "esquecer" ele o que o Sr. R. Magalhães Jr. anda agora exumando, sabia muito bem o que estava fazendo. Para uma idéia, um conhecimento do que ele fizera no começo da carreira, bastaria o que está nas edições correntes de suas obras. O que existia publicado com pseudônimos, era para permanecer assim. O que o Sr. R. Magalhães tem reeditado nestes derradeiros tempos nada acrescenta ao nome de Machado de Assis. Serve, quando muito, aos estudiosos, aos que se interessam por analisar o lento trabalho de autocritica e de progressivo aperfeiçoamento por que foi passando Machado. Aliás, sob um certo aspecto, a publicação desses volumes pelo Sr. R. Magalhães Jr. é de efeito negativo, já que os demais livros são difíceis de se encontrar. Dá ao leitor desprevenido uma idéia falsa de Machado, mostrando um escritor não realizado, à procura de seu instrumento de trabalho, com um estilo frouxo e uma temática desimportante. Em síntese, um Machado que não é o autêntico. Enquanto isto, o autêntico permanece mas ou menos inacessível, já que somente de uns poucos anos para cá começou a ser novamente divulgado. Ainda assim sua força é tamanha, que o interesse por Machado só tem feito aumentar constantemente, tendendo a se intensificar tão logo as novas gerações tenham acesso fácil à sua obra.

Acusa-se Machado de muitas coisas. Louva-se Machado por muitas coisas. Mas o que não se pode negar, no que todos estão unânimes, é em que sua vida foi uma caminhada constante na procura da perfeição formal e temática da obra literária. Influenciado por autores ingleses como Swift e Sterne, tendo neles buscado a linha mestra do seu humour, não ficou na mera influência esterilizante, mas transfun-

diu tudo aquilo até transformá-lo, por um processo de recriação artística, em coisa própria e pessoal.

Machado de Assis, introspectivo, amargo, irônico, pedindo, exigindo amadurecimento e releitura, não dispensando a colaboração e integração do leitor no seu mundo particular, para se entregar, não é de forma alguma o que se convencionou chamar um escritor fácil. Não é ele epidérmico. Ao contrário. É profundo, atingindo nele a análise psicológica dos personagens profundidades insuspeitadas. Vai ele se esgueirando, negaceando. Exige atenção, concentração. Cheio de sutilezas, naquele jeito de quem não quer nada, enxuto, preciso, por vezes seco, quando dominado ele se mostra cheio de encanto e sedução. De um sensualismo profundo e contagiante, hoje nos rimos das críticas que ele fez a Eça de Queiroz. Machado de Assis, em matéria de sensualismo, deixa Eça de Queiroz longe. Ele sugere, insinua, deixa o leitor preso em sua rede, ansioso, impregnado daquele clima sensual. Sim, é todo impregnado de sensualismo, na maneira como escreve, na maneira como se detém em certos detalhes, num quase nada, no jogo de palavras, na análise dos tipos, em todo aquele clima específico que ele recria e vai conduzindo lentamente, no ir e vir, nas sugestões que deixa pendentes. Eça de Queiroz, ao contrário, vem direto, atinge diretamente os sentidos. E se é mais forte, no impacto, é menos firme, menos preciso, muito menos profundo. Vai ao sentimento, enquanto Machado vai à inteligência. E brinca, entre irônico e amargo, com o leitor. Contos como Uns Braços ou, Missa de Galo, por exemplo, são um primor não só pelo que transmitem, mas acima de tudo pelo que insinuam, sugerindo muito mais do que dizendo. E literatura é sugestão.

Contista acima de tudo, foi neste gênero tão difícil da história curta, onde ele se realizou mais integralmente. Mesmo seus melhores romances, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e D. Casmurro, são principalmente contos, com uma linha mestra, contos pela técnica, pelo clima, pela realização, por tudo que os compõe.

Agora, quando decorrem 50 anos de seu desaparecimento, a bibliografia sobre Machado de Assis é enorme. Mas muito ainda há para dizer, a respeito desta figura tão contraditória e ao mesmo tempo tão humana. A importância de Machado de Assis na literatura brasileira é fato incontestado. Ponto pacífico. E a maior prova disto são os livros, os artigos, as discussões, que constantemente estão surgindo, prova maior de que ele não pode e não poderá ser ignorado.

Um dos benefícios, se assim poderemos nos referir à data, que decorre deste cinquentenário, é a liberação de sua obra. Oxalá tenhamos, agora, divulgados como merecem, numa edição digna de seu mérito, os livros do que talvez seja o nosso melhor e mais integralmente realizado escritor.

BBB, RJ, Setembro de 1958

Poesias

Sinhá

Nem o perfume que expira
A flor, pela tarde amena,
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lira;
Nem o murmúrio da veia
Que abriu sulco pelo chão
Entre margens da alva areia,
Onde se mira e recreia
Rosa fechada em botão;
Nem o arrulho enternecido
Pela brisa repetido;
Esse amoroso arruído
Quando escuta algum segredo
Pela brisa repetido;
Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!

Soneto de Natal

Um homem – era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno, –
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações de sua idade antiga,
Naquela mesma noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

diario.com.br

> Leia mais poemas de Machado de Assis em:
www.diario.com.br

019: Ricos e famosos

MIGUEL, Salim. Ricos e famosos. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 26 de fev. de 2009, pag. 12. Editoriais.

Ricos e famosos

SALIM MIGUEL *

O governador do Estado e o prefeito da Capital sonham transformar a Ilha em um paraíso turístico para ricos e famosos. Primeira anotação: o Abadía (lembra-se?) tinha suntuosa mansão na Jurerê Internacional, recepcionava parcela da alta-roda, era rico e famoso... Segunda: turismo razoável, não sazonal, deve respeitar os habitantes da terra, ser para todos, com opções de lazer e cultura. Um argentino me dizia "Se chove o único refúgio da gente é o shopping". Terceira: esgotos poluem as águas, inexitem na orla sanitários e chuveiros, a violência campeia, o meio-ambiente é agredido, não há policiamento, etc, etc.

Vai para 30 anos tenho casa em praia do norte da Ilha e não contamos com um único ponto de táxi para uma emergência. No entanto fomos "beneficiados" com uma boate para ricos e famosos. Consequências: carros

entupindo as ruas, as calçadas, som nas alturas, arruaças além de outros episódios impublicáveis. A comunidade fez um abaixo-assinado, os poderes competentes fecharam a boate, porém outros talvez mais competentes liberaram-na, ou não.

Sábado, 21 de fevereiro, meu filho saía de casa, quando viu um carro bater de frente na mureta de um terreno baldio e dar marcha-ré acabando com o portão da nossa casa. O motorista saiu do carro babando e todo mijado engrolou: "vejo que o senhor é um homem rico e eu também, vim conhecer Floripa". Pareceu que ia vomitar ou desmaiar, acrescentou: "fiz um estrago não é?" Meu filho foi monossilábico "é", o homem retrucou "o prejuízo foi grande?" Antes que meu filho respondesse o rico ligou o motor e saiu em ziguezague. Rico ele disse que era. Seria também um dos famosos?

** Escritor*

020: Um desafio permanente

MIGUEL, Salim. Um desafio permanente. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 de abr. de 2009, pag. 2 e 3. Caderno Cultura.

Fogo de brasa avermelhada

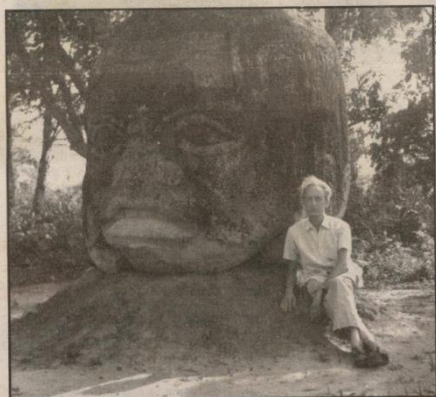
Este ano da França no Brasil também marca o centenário do escritor e tradutor André Pieyre de Mandiargues, vencedor do Goncourt de 1967

POR MÔNICA CRISTINA CORRÊA *

O ano de 2009, marcado pelas comemorações do ano da França no Brasil, é também, o do centenário de um raro, porém fecundo escritor francês: André Pieyre de Mandiargues. Nascido em 1909, numa família aristocrática, Mandiargues pertenceu ao que se pode chamar de segunda geração de surrealistas.

Amigo e admirador incondicional de André Breton, esse escritor singular teve, todavia, uma certa independência, e suas características o aproximam, também, de um "preciosismo" para criar uma literatura que se assemelha ao sonho e ao devaneio. Minucioso, Mandiargues produziu em seus textos o efeito de verdadeiros quadros pintados. A pintura, aliás, é uma arte importante na vida desse escritor, que fez arqueologia e foi, também, um grande tradutor. Crítico de belas artes, casou-se com a pintora italiana Bona Tibertelli, que conheceu em 1947 e com quem teve uma filha.

Mandiargues experimentou todos os gêneros, passando de poesia a texto narrativo, embora muitas de suas prosas sejam consideradas um prolongamento de seus poemas, e estes, por sua vez, sejam, às vezes, classificados como prosa. Além disso, escreveu teatro, romances, entre os quais *La Marge* (*A Margem*), que lhe valeu o prêmio Goncourt de 1967; e um de seus poemas foi transposto para o cinema, com Alain Delon e Marianne Faithfull: *A motocicleta* (1963). Houve, ainda, uma adaptação de seu último romance, *Tout disparaître* (*Tudo desaparecerá*, 1987), por Borowczyk. E a essa vasta obra soma-se uma boa quantidade de traduções do inglês, do italiano, do espanhol e do japonês, especificamente do teatro



Mandiargues, que pertenceu à segunda geração de surrealistas, morreu em 1991

de Yukio Mishima.

Quase nada, entretanto, se estudou desse autor no Brasil, onde é pouco conhecido. E mesmo na França, sua obra ainda tem de ser revisitada. Além disso, a devoção que teve Mandiargues pela língua francesa leva o leitor a uma viagem pela origem das palavras e por seus sentidos duplos, bem como pela sonoridade: são mesmo prosas que parecem poemas e poemas que se confundem com a prosa. Tudo repleto de situações estranhas e seres bizarros.

Tendo estudado arqueologia, Mandiargues amava as viagens. Em seus contos e romances, bem como em sua poesia, sempre despontam outras cidades, outras paisagens. Viajou pela Europa e visitou o México. Da França, descreve ambientes como o Bairro Pigale, em Paris, dos bares frequentados onde ouvia blues desde a juventude, muitas vezes em companhia daquele que por toda a vida foi seu grande amigo, o fotógrafo Henri

Cartier Bresson.

Em 2003, a editora Iluminuras lançou em português o primeiro livro desse escritor no Brasil, *Fogo de brasa*, a cuja tradução dediquei algum tempo e para a qual fiz estudos em Arles, no Centro Internacional de Tradutores Literários, graças à bolsa que me foi concedida pelo governo francês em 1998. Trata-se de um conjunto de sete contos que se parecem com quadros, os quais deixam, também, a sensação de ter-se lido a narração de um sonho.

Da pintura, a obra traz a marca da cor: o vermelho, seja de sangue, de raios de sol incidindo sobre metais ou de brasa. Não há um vermelho estável, por assim dizer, mas variações dignas de nota. São arroxeadas três criaturas que saem de uma pedra encontrada no caminho num dos contos, por exemplo. Já no erótico conto *O diamante*, o vermelho "disputa" com o azul no interior do fogo, onde a personagem, dentro de um diamante,

mantém relação sexual com um ser mitológico. A luta entre as cores parece representar o próprio embate corporal: "O antagonismo do vermelho e do azul subsistia naquele estranho incêndio, mas a primeira cor triunfava, agressivamente, sobre a segunda, que só surgia em reflexos fugidios".

O vermelho é símbolo do sangue, por isso, da vida, mas a morte também marca os textos mandiarguanos: a morte pela crueldade, pelo desejo de morrer e matar, pois é o inconsciente a liberar-se. As personagens seguem seus instintos, sem punição ou recompensa.

Sem sentimentalismo, Mandiargues dá lugar ao amor físico e instintivo, como reflete um de seus personagens: "Estou fazendo amor – pensou ele – sem nenhuma satisfação, num dado momento. E pensou na insuficiência da pequena frase, a qual, em sua modéstia irrisória, não trazia nenhuma indicação que pudesse informar minimamente um ouvinte ignorante, ilustrar para um tolo a tarefa viril. O francês, o espanhol ou o italiano, poderiam ter-lhe fornecido formas mais breves e mais expressivas, cujo sentido é geralmente o de enfiar uma feramenta, ou melhor, de meter".

Ler Mandiargues é mergulhar num universo erótico e perturbador, sem dúvida, mas também prazeroso, por conta de sua originalidade e da visita que propicia ao campo dos sonhos e da poesia.

No Brasil, país onde o surrealismo refletiu pouco, Mandiargues é um convite. E um convite que começa, já no primeiro conto, que dá nome à obra, com uma evocação deste país em cujo nome está a brasa e, em contraponto ao frio e ao cartesianismo franceses, é tido como imagem de um delirante e caloroso carnaval. Mais uma miragem no universo desse escritor francês, que deixou de viver em 1991.

* Doutora em Literatura Francesa pela USP

Poema

Elba

Eu disse
Eu te contigo
Tu dizes
Tu me comigo
Eu te tuteio
Tu me tuteias
Estou tático e tu calaste
Mato o outro em ti
Como em mim mataste o um
Mato-me se te matas
Em te matando tu me matas
Não és mais tu és eu
Que nada mais sou senão tu
Uma e um são um
É noite em pleno sol
Para melhor afogar o indiviso
Para afogar-nos ambos
Num vasto leito de água azul
Meio-dia profundamente negro
Clara morte
Precipita a hora ardente
No inferior da ampulheta
Abisma-se nossa felicidade
Sob o desmesurado lençol
Do tempo que ondula e brilha
Diante deste ponto em que estamos
Nus e juntos
Confundidos
E que muito cruamente é
O fundo estreito de uma barca
Derivando diante da bela
Ilha de Elba.

Elbe

J'ai dit
Je te tu
Tu dis
Tu me moi
Je te tuteio
Tu me tuties
Je me tais et tu t'es tue
Je tue l'autre en toi
Comme en moi tu tuas l'un
Je me tue si tu te tues
En te tuant tu me tues
Tu n'es plus toi tu es moi
Qui ne suis plus rien que toi
Une et un sont un
Il fait nuit en plein soleil
Pour mieux noyer l'indivis
Pour nous noyer tous deux
Dans un vaste lit d'eau bleue
Midi profondément noir
Claire mort
Précipite l'heure ardente
Au sablier inférieur
Engouffre notre bonheur
Sous le démesuré drap
Du temps qui ondule et brille
Devant ce point où nous sommes
Nus et joints
Confondus
Et qui tout nûment est
Le fond étroit d'une barque
Dérivant devant la belle
Ile d'Elbe.

021: Marques Rebelo, o centenário.

MIGUEL, Salim. Marques Rebelo, o centenário. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 6 de jan. de 2007, pag.1. Caderno Cultura

Marques Rebelo, o centenário

O autor de *A Estrela Sobe* e *Espelho Partido* manteve uma estreita relação de amizade com escritores e artistas catarinenses que integraram o Grupo SUL

POR SALIM MIGUEL *

O centenário de nascimento do jornalista e escritor (comemorado hoje, 6 de janeiro de 2007) espero que sirva, também, para reavivar o interesse por sua importante obra literária e por seu incentivo cultural, especialmente no que diz respeito à literatura e às artes plásticas. Se busco visualizar o Marques Rebelo de diferentes épocas, nem dependo de fotografias, no entanto, necessito de muito esforço para que a memória recupere fragmentos das infindáveis conversas que mantivemos ao longo dos anos.

De estatura mediana, mais para baixo, magro e elétrico, olhos perscrutadores, sorriso discreto, sempre com o cigarro na boca, sabia como poucos se comunicar e nos envolver com sua prosa, que era e não era a mesma de sua escrita. Ao mesmo tempo, ele podia ser ferino ou amável. São numerosas as histórias reais ou fantasiosas que circulavam a seu respeito. Uma, que Rebelo não confirmava nem negava, dizia que na Livraria São José, de Carlos Ribeiro, estava se oferecendo em desconto para quem comprasse dois livros, outro podia ser levado como brinde. A pessoa chegava lá disposta a comprar os dois livros, entrava, comprava um, saía, associava um tango argentino, voltava, comprava o segundo, pois nem de brinde queria o livro de um conhecido escritor da Academia Brasileira de Letras. Poderia prosseguir narrando episódios semelhantes, porém prefiro ficar



O escritor Marques Rebelo em Moscou, em 1954, junto à estátua de Pushkin

em apenas mais um: um repórter foi procurá-lo, queria que Rebelo respondesse a uma enquete, quais os 10 mais representativos escritores brasileiros contemporâneos. Sem titubear, o autor de *A Estrela Sobe* respondeu: "Que 10! Se só existem dois, eu e o Graciliano Ramos". Também em seus livros é possível nos depararmos com sucintos diálogos que logo traçam o perfil dos personagens e situam aquilo que Rebelo pretende nos transmitir. Um bom exemplo se

encontra no livro *Cenas da Vida Brasileira*. Onde um curtíssimo diálogo revela o que era uma pequena comunidade mineira. Num amanhecer dois conhecidos, antes de se cumprimentarem, um diz: "Fulano morreu", e o outro, rapidíssimo: "Quem matou?"

1948. Acabara de sair mais um número da *Revista SUL*, quando chega para o Aníbal Nunes Pires, diretor da revista, uma carta de Flávio de Aquino, arquiteto e crítico de artes plásti-

cas. Começava: "Meu caro Aníbal, só ontem chegou-me às mãos um número da tua revista. Bravos! Nunca pensei que fosse possível romper o marasmo da terra e falar-lhe, sem rebuscos, em arte moderna, em poesia moderna, em Vinícius de Moraes. Esperava isso para o século 21". Logo a seguir, dizia que Marques Rebelo estava tentando acertar, com o secretário de Educação, uma exposição de arte contemporânea, seguida de palestras, e que necessitava contar com o apoio da "turma" da *SUL*. A resposta foi que podia contar, e no número seguinte da *Revista* vinha uma notícia com o título: "Marques Rebelo em Florianópolis?". Já no número seguinte não era mais uma interrogativa, porém uma afirmativa: "Marques Rebelo em Florianópolis".

Exposição e palestra se realizaram no prédio onde hoje funciona a Faculdade de Educação da Udesc, na Rua Saldanha Marinho, e durante a permanência de Rebelo entre nós a população se dividiu, uns abominando aquela "coisa" e o teor das palestras, e outros, achando que agora sim se tinha uma idéia de artistas como Di Cavalcanti, Pancetti, Djaniira, Iberê Camargo, entre os brasileiros, além de reprodução de nomes representativos de pintores de vários países.

A "turma" da *SUL*, que ainda era mais conhecida como a "turma" do Círculo de Arte Moderna, passava todo o tempo, dias e noites, em conversa com Rebelo, e, é claro, que ele se mostrou satisfeito em saber que boa parte deles havia lido os livros de contos *Oscarina* e *Três Caminhos* e os romances *Marafá* e *A Estrela Sobe*. Não só haviam lido, mas se davam ao desprate de discutir aspectos de sua maneira de narrar, o que

não era comum naquela época, pois a divisão de gerações era bem maior do que agora. Rebelo chegava aos 40 anos e os jovens da *SUL* mal haviam ultrapassado os 20.

As reuniões, à noite, eram no Café Rio Branco, no Poema Bar. Enquanto a turma tomava uma cerveja, ele, que era abstêmio, ficava na água mineral, num refrigerante ou no indispensável cigarro. Porém, a maior parte do tempo era sob a figueira da Praça XV. Logo, esse carioca da gema que vinha de uma tradição literária urbana iniciada por Machado de Assis, continuada por Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Lima Barreto, se divertia ou se irritava com as estapafúrdias daqueles jovens mal iniciados nas letras e que já se consideravam conhecedores de quase tudo. Certo fim de noite, ao levá-lo até a casa onde se hospedava, perguntei o porquê do pseudônimo. A resposta veio pronta: "Edi Dias da Cruz pode bem servir para um divulgador ou vendedor da Nestlé, mas você já imaginou um escritor com tal nome, não lhe parece muito melhor Marques Rebelo?". Fiz-lhe, então, uma confidência: "Eu também achava que Salim Miguel não era nome apropriado para um escritor, mas fora o encontro com um amigo dos meus tempos de Bi-guaçu que me fizera desistir do pseudônimo. Esse amigo declarara que estava lendo meus textos e que eu tinha jeito para a coisa, só que tal nome... Irritado, sem deixá-lo concluir, retruquei: Se levei jeito, tenho vocação e algum talento, o nome pouco importa, agora vou continuar com este, embora houvesse pensado num pseudônimo". Rebelo riu com gosto e disse: "A resposta bem que poderia ser de um tal de Marques Rebelo".

Da "turma", que ficaria conhecida como Grupo *SUL*, talvez os que mais se tivessem aproximado dele foram Hamilton Valente Ferreira, Eglê e eu. Não posso deixar de referir um fato que mostra a maneira como ele tratava os amigos e que me marcou e a minha mulher. Certo dia, me chega de Paris um livro, abro e a dedicatória diz tudo: "Caro Salim, não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa. Certamente será uma coisa bem pouco maravilhosa. Mas tem um título que é do seu maior interesse... Carinhosamente, Rebelo, Paris, novembro de 1951". O título: *Eglê*. Anos mais tarde, Rebelo me disse que estava passando diante de uma livraria e, ao ver o título, não pensou duas vezes.

* Escritor, autor de *Nur na Escuridão* e *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*. Poeta, entre outros livros

022: O fanático torcedor do América

MIGUEL, Salim. O fanático torcedor do América. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 6 de jan. de 2007, pag. 2 e 3. Caderno Cultura.

O fanático torcedor do

Um dos criadores do Museu de Arte de Santa Catarina, Rebelo falou de sua obra e de sua passagem por Florianópolis em entrevista publicada em 1956

POR SALIM MIGUEL

Aqui, com apoio do governo do Estado, Marques Rebelo ajudou a criar o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, para o qual conseguiu algumas doações e uma primeira escultura do Bruno Giorgi, mais tarde transformado no atual Museu de Arte de Santa Catarina. Não satisfeito em divulgar as artes plásticas pelo país, realizou importante exposição em Buenos Aires, intitulada *20 Artistas Brasileiros*, em 1945. Nas diversas vezes em que viera até a provinciana capital catarinense ou nas minhas idas ao Rio, bem como depois, quando, devido ao golpe militar, fui obrigado a me mudar para lá, nunca perdemos contatos. Foram 25 anos (de 1948 a 1973) de amizade e longas conversas. Foi na casa dele que fiquei conhecendo, entre outros, Antônio Houaiss, Paulo Silveira, Nássara, Antônio Bulhões, Walter Benevides, Herberto Sales, Darwin Brandão e, quando de passagem pelo Rio, João Cabral de Melo Neto.

No caso de Herberto Sales há um episódio que merece ser lembrado. Rebelo recebera em sua casa um volumoso original, leu-o, fez inúmeras anotações, escreveu para o autor pedindo que viesse ao Rio, que poderia ficar em sua própria casa, enquanto discutiam o original. O autor aceitou a maior parte das sugestões e pouco depois saiu o livro *Casualty*, que revelaria um novo e importante escritor baiano.

Rebelo tinha uma curiosa maneira de sugerir leituras. Dizia: "Tenho aqui um livro que já li e gostaria que você lesse para depois conversarmos a respeito". Foi assim que fiquei conhecendo nomes como J. P. Jacobsen, Alain Fournier, Raymond Radiguet, Jules Renard, e ele ficava meio desenhado quando eu lhe dizia que Renard já conhecia, bem como Anatole France e alguns outros. Quanto aos autores brasileiros, embora tivesse suas preferências, não os indicava, mas fazia questão de saber quais eram as nossas e ficava satisfeito quando coincidiam com as dele.

Marques Rebelo era torcedor fanático do América, onde até jogara nos juvenis, e, nos dias de jogos de seu clube, fazia com que sua mulher Elza se vestisse de vermelho, mas,

se o time perdia, seu humor também se ia e a conversa, em geral fácil, se tornava complicada e até podia sair de seu mutismo quando surgia algum fato inusitado, como da vez em que eu lhe disse que além de dois companheiros da *Revista Manchete*, onde eu trabalhava, tinha também o irmão, torcedor fanático do América. A resposta foi rápida: "Então já somos multidão".

São numerosas as cartas que trocamos no decorrer destes anos, algumas delas após a minha prisão, em abril de 1964, quando Adonias Filho, ele e outros escritores se esforçaram para que eu não continuasse preso. Não me parece oportuno transcrevê-las.

Não posso deixar de fazer referência a dois ensaios publicados quando das comemorações de seus 50 anos: *Marques Rebelo, Poeta Morto*, do fluminense Hélio Alves de Araújo, *Cadernos SUL*, número VI, e *Um Retrato de Marques Rebelo*, do moçambicano Augusto dos Santos Brancos, publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Terminando essas anotações fragmentadas com dois documentos, uma entrevista que ele me deu e que foi publicada em 2 de outubro de 1956, no jornal *A Hora*, de Porto Alegre, pouco antes de completar 50 anos, e a relação de seus cem livros preferidos, quando lhe perguntei o que achava dos cem livros para ler do Otto Maria Carpeaux. Sempre com aquele seu ar meio sério, meio galhofeiro, retrucou que alguns nomes eram inquestionáveis, mas havia outros que nem em seus próprios países eram lidos. Desafiei-o: "Faça, então, sua lista". "Vou pensar". Não pensou por muito tempo. Só que, ao contrário de Carpeaux, sua relação é por países.

Começamos pela entrevista: "Confissões do Escritor Marques Rebelo".

Desde sua primeira visita, devem fazer oito anos, que Marques Rebelo gostou de Florianópolis. Da cidade com seu jeito tranquilo, com sua paisagem e seu casario velho, até mesmo com seu vento sul. "Gostando do vento", nos disse Marques Rebelo daquela vez. E voltou. E tem voltado periodicamente, para descansar e para rever os amigos e admiradores que aqui deixou. A cidade o acolhe com a mesma simpatia de sempre,

quase imutável, pois sabe-o um amigo, um velho viajor e conhecedor de cidades. Entrega-se – e Marques sabe descobrir logo os segredos, dono que é dos segredos da cidade mais difícil: Rio de Janeiro.

Falar do escritor Marques Rebelo nos parece inútil. Não há hoje, entre nós, pessoa interessada, ainda que medianamente, pelos problemas da cultura, que o ignore. A par do escritor, e um dos nossos melhores escritores contemporâneos, é um divulgador e incentivador das artes, tendo percorrido o país e países do exterior levando mostras da nossa pintura, organizando exposições, proferindo conferências, criando museus, num trabalho constante e persistente de divulgação. Pequeno, vivo, de uma atividade extraordinária, com um riso constante e sarcástico, é, além do mais, um nome temido e respeitado. São famosas as suas tiradas. E é admirada a sua franqueza, a coragem e sinceridade com que diz o que lhe parece a respeito do que vê.

Agora, beirando os 50, o autor de *A Estrela Sobe* é um nome consagrado. Mas nada de posar de figurão. Permanece jovem de espírito, o mesmo jovem de antes. Apenas um jovem com maior dose de experiência, mais vivido, mais cético e... mais humano. No fundo, o que Marques Rebelo esconde, juntamente com o Edí Dias da Cruz, é uma grande dose de solidariedade humana, de compreensão, sob aquela capa de ceticismo.

A Livraria Martins, de São Paulo, iniciou, há pouco, o lançamento das *Obras Completas de Marques Rebelo*, muito embora o autor não tenha ar de haver completado a sua tarefa nem dado por inteiro a sua mensagem.

Como não poderia deixar de ser, tão logo soubemos da chegada de Marques, fomos procurá-lo, levá-lo ao nosso abraço. Foi no meio da conversa que surgiu a idéia deste bate-papo para os nossos leitores. Marques concordou. Começamos:

– Que achou de Florianópolis, agora nesta sua visita, depois de uma ausência de quatro anos?

MR: Ao chegar encontrei-me logo com a eletricidade, que faltava quando da minha última visita e que, me parece, animou muito a vida daqui, dando uma atividade maior ao ambiente catarinense. Isto, enfim, deu campo para um velho

pensamento meu: não basta haver eletricidade. É preciso saber fazer bom uso dela. Algumas vezes o dinamismo que ela provoca é muito mais contra a humanidade do que a favor. Muitas vezes até mesmo não é bom substituir a calma pelo alvoroço. A cidade, vítima da energia elétrica, começou a progredir. Sente-se orgulhosa porque as estatísticas dizem que o índice da população dobrou. Outra coisa curiosa: constatei que há orgulho por uma inovação que da minha última visita não havia: 'buaes'. Ora, não sei que espécie de progresso possa ser este!

(Como sabíamos de seu amor pela Florianópolis de casario simples, perguntamos:)

– Você já reparou nos novos edifícios?

MR: Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça e característica própria davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado.

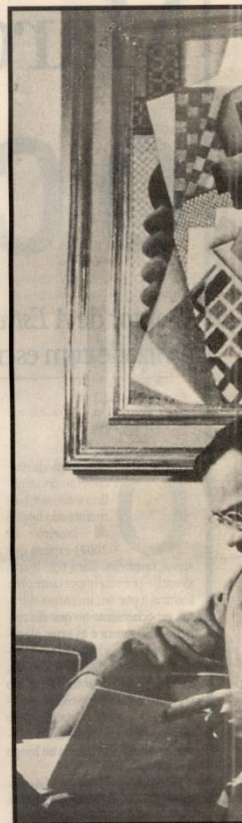
(Marques Rebelo pára, pensa um pouco e continua)

Enfim, nós devemos marchar com o tempo e com estes homens que fazem o tempo. Procurar aproveitar essa onda de energia para realizar obra valiosa, boa, duradoura. E aqui, quero crer, que agora, isto possa realmente ser realizado, pois o Estado está entregue a um administrador capaz e verdadeiramente responsável (Jorge Lacerda).

– Foi a convite do governador que veio desta vez a Florianópolis?

MR: Sim. Pediu-me ele que dessemos uma olhada, o Flávio de Aquino e eu, na obra que há oito anos fundáramos: o Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Acreditamos que o que falta ao museu é uma sede, realmente técnica, funcional, com pessoal especializado, que permita guardar o patrimônio já bastante valioso, que permita se realizarem exposições, conferências, cursos, enfim, um museu realmente vivo e atuante. Isto é o que vai ser feito. Então, a cidade e o Estado terão um centro de cultura que seria indesculpável não ter, exatamente no momento em que se abre para a cidade um novo ritmo de realizações.

Também aproveitamos – prosseguiu ele – para olhar o que está se fazendo no Grupo SUL, e só encon-



Marques Rebelo era o nome literário do car-

tramos uma dificuldade para que o trabalho destes jovens dê melhores frutos. É que a parte gráfica das suas publicações esteja num nível muito baixo, muito aquém do que entre nós já se faz, nos tempos de hoje, em matéria de artes gráficas. Há necessidade urgente de se remodelar e aperfeiçoar o parque gráfico catarinense, a arte gráfica no Estado. Isto me parece premente e inadiável.

Arte gráfica não constitui um luxo. Não basta que o conteúdo de uma obra seja importante. É indispensável que se apresente de uma maneira que seja fácil e agradável, convide à leitura. Vejamos aqui mesmo no Brasil, onde as artes gráficas são ainda bastante precárias. Tem havido, contudo, nos últimos anos, um grande esforço para renová-

América



arioca Edi Dias da Cruz (1907-1973)

Marques metido em roupagens de "obras completas". Mesmo porque obras completas pressupõem fim. E muito embora ele diga e repita que encerrou sua carreira literária, não poderemos crer nem concordar com as razões que para isto apresenta. Vemos que muito ainda poderá nos dar de valor em prol da cultura nacional, da minúscula cultura nacional, diria ele. Mais um motivo para que os que tenham alguma coisa pra dizer, uma mensagem a transmitir, não se cale. A próxima pergunta que lhe fizemos, portanto, foi:

– Autor já de obras completas, como se vê nesta roupagem?

MR: Olha, rapaz, foi um contentamento, um alívio que eu tive e que não pensava ter. Poder ver todas as minhas obras reunidas num único editor, numa edição uniforme, enfileiradinha.

– Quando espera ter todos os livros publicados?

MR: O cálculo do Martins é ter até meados de 1957 editado os 14 primeiros volumes. Ai, então, começaria a ser lançado o *Espejo Partido*, em cinco volumes, num total de mais ou menos 2 mil páginas, aparecendo de dois em dois meses um volume. Mas isto não se pode garantir, por causa do papel, já que as cotas para os editores são cortadas incrivelmente.

– Modificou alguma coisa nas reedições?

MR: Só em *Marafá*. Fiz uma revisão geral do trabalho para esta publicação, que considero definitiva. Você sabe, o livro nunca me agradou. Para a segunda edição já havia mudado alguma coisa. Mas desta vez refundi o livro por inteiro, tornando-o uma coisa mais sólida, só que agora me satisfazendo. Nos outros praticamente não mexi. Um que outro detalhe, mais nada. Além das reedições, há livros novos dentro das 'obras', como, por exemplo, *Correio Europeu*, comentários e impressões sobre 13 ou 14 países, e *Cortina de Ferro*, um livro deliberadamente só sobre a Tchecoslováquia e URSS. Reservei para o fim *Espejo Partido*, com o qual, como já disse, encerro minha atividade literária. Neste livro venho trabalhando há 20 anos. E se não tiver nenhuma outra virtude, terá o de ser grande.

É um panorama da vida brasileira nestes últimos 20 anos. Vai aborrecer muita gente, uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles. E com ele, insisto, findará minha vida literária. O que tinha para dizer, aí fica dito. Não creio poder, daqui para diante, dizer algo mais do que isto que vai dito nas 'obras', em especial *Espejo Partido*, no qual trabalhei 20 anos, síntese de tudo que vi e senti. E que se não é importante, é grande. Conclui, com uma gargalhada, Marques Rebelo.

Ai está um pouco do muito que con-

Os cem de Rebelo

Portugal

- 01 – Menina e Moça (Bernardim Ribeiro)
- 02 – Carta de Guia dos Casados (Francisco Manuel de Melo)
- 03 – Os Sermões (Padre Antônio Vieira)
- 04 – Viagens na Minha Terra (Almeida Garrett)
- 05 – Lendas e Narrativas (Alexandre Herculano)
- 06 – Novelas do Minho (Camilo Castelo Branco)
- 07 – A Brasileira de Prazins (Camilo Castelo Branco)
- 08 – Eusébio Macário (Camilo Castelo Branco)
- 09 – A Corja (Camilo Castelo Branco)
- 10 – A Ilustre Casa de Ramires (Eça de Queirós)
- 11 – Últimas Páginas (Eça de Queirós)
- 12 – Contos (Fialho de Almeida)
- 13 – Davam Grandes Passeios aos Domingos (José Régio)
- 14 – Há Mau Tempo no Canal (Vitorino Nemésio)
- 15 – Terras do Demo (Aquilino Ribeiro)

Brasil

- 16 – Memórias de Um Sargento de Milícias (Manuel Antônio de Almeida)
- 17 – O Ateu (Raul Pompéia)
- 18 – Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis)
- 19 – Quincas Borba (Machado de Assis)
- 20 – Dom Casmurro (Machado de Assis)
- 21 – Histórias Sem Data (Machado de Assis)
- 22 – Várias Histórias (Machado de Assis)
- 23 – Memórias do Escrivão Isaias Caminha (Lima Barreto)
- 24 – Memórias Sentimentais de João Miramar (Oswald de Andrade)
- 25 – Fronteira (Cornélio Penna)
- 26 – O Coronel e o Lobisomem (José Cândido de Carvalho)

Argentina

- 27 – Facundo Quiroga (Domingos Sarmiento)
- 28 – Recuerdos de Provincia (Domingos Sarmiento)
- 29 – Don Segundo Sombra (Ricardo Güiraldes)

Estados Unidos

- 30 – Contos Californianos (Bret Harte)
- 31 – A Volta do Parafuso (Henry James)
- 32 – Jennie Gerhardt (Theodore Dreiser)

33 – Sister Carrie (Theodore Dreiser)

- 34 – Minha Antônia (Willia Cather)
- 35 – O Estandarte Rubro da Coragem (Stephen Crane)
- 36 – U.S.A. (John dos Passos)
- 37 – Babbitt (Sinclair Lewis)
- 38 – O Grande Gatsby (F. Scott Fitzgerald)
- 39 – Suave é a Noite (F. Scott Fitzgerald)
- 40 – O Outro Lado do Paraíso (F. Scott Fitzgerald)
- 41 – A Ponte de São Luís Rei (Thornton Wilder)
- 42 – O Otavo Dia (Thornton Wilder)
- 43 – A Sangue Frio (Truman Capote)
- 44 – Winesburg Ohio (Sherwood Anderson)

Inglaterra

- 45 – Tom Jones (Fielding)
- 46 – Viagem Sentimental (Sterne)
- 47 – Tristan Shandy (Sterne)
- 48 – Adam Bede (George Eliot)
- 49 – O Morro dos Ventos Livantes (Emile Bronte)
- 50 – Aventuras de Pickwick (Dickens)
- 51 – Judas, O Obscuro (Hardy)
- 52 – Dubliness (Joyce)
- 53 – Amantes e Filhos (Lawrence)
- 54 – Forsyte Saga (Galsworthy)
- 55 – Ms. Dalway (Virginia Woolf)
- 56 – Quarteto de Alexandria (Durrell)
- 57 – Lord Jim (Conrad)
- 58 – O Livro da Selva (Kipling)

Alemanha

- 59 – Werther (Goethe)
- 60 – O Processo (Kafka)
- 61 – Nada de Novo na Frente Ocidental (Remarque)
- 62 – A Morte em Veneza (Thomas Mann)
- 63 – A Montanha Mágica (Thomas Mann)

Finlândia

- 64 – Santa Miséria (Silanpaa)

Dinamarca

- 65 – Nils Lyhne (Jacobsen)
- 66 – O Urso Polar (Pontopidan)

Espanha

- 67 – Dom Quixote (Cervantes)
- 68 – A Colméia (José Camilo Cela)

Itália

- 69 – O Falecido Matias Pascal (Pirandello)
- 70 – Os Noivos (Manzoni)

71 – O Coração (De Amicis)

Rússia

- 72 – Ana Karenina (Tolstói)
- 73 – A Morte de Ivan Ilich (Tolstói)
- 74 – Pais e Filhos (Turgúniev)
- 75 – Crime e Castigo (Dostóievski)
- 76 – A Estepe (Tchécov)

Áustria

- 77 – A Ronda (Artur Schnitzler)

Noruega

- 78 – Vitória (Knut Hamsun)

França

- 79 – O Ingênuo (Voltaire)
- 80 – Meu Tio Benjamin (Claude Tillier)
- 81 – Manon Lescaut (Abade Prevost)
- 82 – As Ligações Perigosas (Laclos)
- 83 – O Vermelho e o Negro (Stendhal)
- 84 – Madame Bovary (Flaubert)
- 85 – Educação Sentimental (Flaubert)
- 86 – Eugénia Grandet (Balzac)
- 87 – O Tio Goriot (Balzac)
- 88 – Viagem à Volta do Meu Quarto (De Maistre)
- 89 – A Revolta dos Anjos (Anatole France)
- 90 – A Procura do Tempo Perdido (Proust)
- 91 – Os Thibault (Roger Martin du Gard)
- 92 – Poi de Carotte (Renard)
- 93 – Os Moedores Falsos (Gide)
- 94 – Bubu de Montparnasse (Charles Louis Philippe)
- 95 – O Grande Meaulnes (Alain Fournier)
- 96 – Les Jeunes Filles (Montherlant)
- 97 – O Fogo (Barbusse)
- 98 – As Cruzes de Madeira (Roland Dorgelès)
- 99 – O Diabo no Corpo (Radiguet)
- 100 – Morte, Onde Está Sua Vitória? (Daniel Rops)

Notas: Como o leitor pôde observar, o autor de *Espejo Partido*, do qual, infelizmente, só saíram os três primeiros volumes, em sua relação dos cem se limitou a ficcionistas sem citar um poeta sequer.

Na mesma forma que Rebelo estranha a indicação de alguns nomes dos cem de Carpeaux, os leitores podem se perguntar, para nos referirmos apenas aos brasileiros, por que o autor de *O Trapicheiro* não citou Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, por exemplo.

versamos, mas em várias outras ocasiões Rebelo repetia que não escreveria mais ficção, a não ser a batalha que mantinha com o *Espejo Partido*, ainda assim deu seu recado sobre o que pensava do golpe militar publicando, naquele seu estilo inconfundível, a novela *O Simples Coronel Madureira*.

RBS **DESEJO CULTURAL**

Cultura

Edição: Dorva Rezende
Diagramação: Paulo H. Mattos de Carvalho

Telefone: (48) 3216-3590
cultura@diario.com.br

A CULTURA NATURAL DA NATUREZA

Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, e em 1935 a natureza mudou de fase:



O QUE É CULTURA RACIONAL?

É um conhecimento da origem da humanidade e do desenvolvimento do Raciocínio. Não é Seita, Doutrina, Filosofia, Ciência, Espiritismo ou Religião.

Interessa a todos, por não ser contra nada, por ser a continuação de tudo que existe.

Este Livro, grande no conteúdo e simples na forma, mostra-nos que o reencontro acontecerá no conhecer o que é Cultura Racional, que é a Cultura do Metaverso perfeito de onde viemos, com toda a sua complexidade.

TEL: (0xx41) 3322-0473/3242-6862

ou culturaracional.com.br ou e-mail: retiraracional@universoemdescentauto.com.br

023: Livreiro aprendiz

MIGUEL, Salim. Livreiro aprendiz. *Gazeta do Povo*. Curitiba, out. de 2011, pag. 28. Caderno rascunho.

Livreiro aprendiz

SALIM MIGUEL

O acaso é um elemento importante em nossas vidas, ao contrário de maktub, "estava escrito", o acaso acontece. Aconteceu comigo. Antes de livreiro, fui banqueiro, quer dizer, sócio de uma banca de jornais e revistas. A experiência valeu. Por isso, vamos começar por ela. O grupo de jovens que ocupava duas mesas e oito cadeiras no café Rio Branco, com um cafezinho ficavam ali quatro, cinco horas papeando, sem serem cobrados por seu Quidoca, ou pelos garçons Emanuel e João Carradine, discutiam tudo e nada. Certo entardecer um dos componentes do grupo se virou e me disse: nós estamos aqui no lado direito, estás vendo que no lado esquerdo tem um espaço sem nada? Estou, respondi, e ele: em Florianópolis só temos uma banca de jornais e revistas, a do Beck, porque não abrimos outra? Retruquiel, pra quê? Pra quê? Estamos mais ou menos desempregados, e isso pode dar uns trocadinhos. E como vamos pagar pelo espaço? Acredito que seu Quidoca vai aceitar a proposta que lhe faremos: a gente vai e diz pra ele que botando uma banca de jornais e de revistas o local vai ser mais frequentado; não temos como pagar, mas todo dia ele pode escolher um jornal de qualquer parte do país e toda semana uma revista *O Cruzeiro*. Fomos, e não é que o homem aceitou? Colocamos uma estante, um balcão, e durante uns dois ou três anos funcionou a banca. Seu Quidoca pegava a revista mas raramente se interessava por um jornal. Na verdade, mais do que jornais e revistas, o que nos dava um retorno razoável era nas proximidades do Carnaval emendar dia e noite retucando contos, de perfume e lança-perfume, até que em determinado momento, me virei para o Armando Carreirão e lhe disse: está na hora de abrimos uma livraria que continuará vendendo jornais e revistas. Foi a vez de ele retrucar, pra quê? E eu: temos duas livrarias, a Moderna e a Rosa, que trabalham com livros, e outra que se aproveita de isenções fiscais para vender mais brinquedos e quinquilharias. Tanto a Rosa quanto a Moderna fazem um bom trabalho, mas nós vamos partir para outra linha, vender livros de editoras que eles não aceitam comerciar, como a Vitória, e livros estrangeiros: inovação na Ilha. Carreirão retrucou:

só que, nesse caso, temos que procurar um ponto, esse pedacinho do café não serve, e lá certamente teremos de pagar aluguel. De novo eu: não custa arriscar.

Arriscamos. Conseguimos um pequeno espaço em um ponto bem central, na praça XV, quase esquina com a rua Conselheiro Mafra. Deu certo: logo a livraria se tornou conhecida, e um ponto de referência, onde circulavam no fim de tarde pessoas de todas as categorias e tendências, especialmente estudantes e gentes ligadas às letras e às artes. Perto da livraria Anita Garibaldi ficava o Miramar, onde, com ou sem um livro, ia se tomar uma cervejinha.

Não sei por que são raros os livros onde os próprios donos relatam suas experiências de livreiro. Devem existir por essas bandas, alguns, porém só conheço dois: *Balcão de livreria*, de Herbert Caro, que foi um excelente tradutor na editora do Globo de Porto Alegre, e *Memórias de um librero*, de Héctor Yáñez, que foi também poeta, organizou algumas antologias de poesias, e durante anos foi referência no mercado editorial e literário de Buenos Aires. Há nesses dois livros, de leitura sumamente instigante, episódios curiosíssimos, não apenas para os viciados em livro mas para todo tipo de leitor. Cito apenas uma historinha de cada um deles: a primeira, do Herbert Caro: certo dia duas jovens entram, ficam percorrendo as estantes, retiram um livro, retiram outro, não se decidem, até que uma se vira para a outra e diz, por que insistes em dar de presente para teu namorado um livro, se ele já tem um? Vamos ali na loja ao lado e tu compra pra ele outra gravata. Agora o Héctor Yáñez: uma senhora chega até o balcão onde ele estava e diz: vim aqui em busca de uma antologia de contos, e ele, de que autor, e ela, existe mais do que um?

Existem livros que falam de livreiros, escritos por pessoas que com eles conviveram, mas poucos são como o *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*, de Ubiratan Machado, lançado pela Ateliê Editorial, onde ele recua tentando resgatar a primeira livraria existente no Brasil e avança até os dias de hoje, conseguindo, através de 100 livrarias, abarcar todos os estados brasileiros. De cada uma, Ubiratan traça um rápido perfil. Minhas breves anotações



são enriquecidas com o que diz Ubiratan Machado sobre a livraria Anita Garibaldi:

"Pela sua filosofia de trabalho, espírito notadamente e, sobretudo, a simpatia e cordialidade do sócio-proprietário, o escritor Salim Miguel, a Anita Garibaldi não teve similar na história das livrarias catarinenses e na vida literária de Florianópolis. Fundada em 1950, na Praça XV de Novembro, 27, foi a primeira livraria do Estado a importar livros. Vendia obras editadas na Argentina, México, França, Por-

tugal, e até China e União Soviética. Foi pioneira também, dessa vez em termos nacionais, no estabelecimento de intercâmbio com uma livraria estrangeira, a Monteiro Lobato, de Montevideu. Apesar do tamanho minúsculo, cerca de 30m², onde se exibiam livros, revistas e jornais, tornou-se um vibrante centro de reunião de escritores, artistas plásticos, políticos, operários de tendência esquerdista. Ficavam uns três ou quatro no interior da loja e os demais na porta, com as reuniões terminando sempre no

Bar Miramar, espécie de prolongamento da livraria. Dois fatos dão idéia do espírito reinante na loja. Jorge Lacerda, quando governador do Estado, duas vezes por semana saía do palácio direto para a Anita Garibaldi, buquinava e conversava apenas sobre literatura. Em certa época, Miro Moraes passou a ler Kant, dentro da loja, pois não tinha dinheiro para comprar o livro. O próprio livreiro se incumbia de "esconder" o volume, até a leitura terminar. Como uma atração, a livraria era visitada por todo intelectual de fora que chegasse a Florianópolis. Por lá passaram o espalha-brasas Marques Rebelo, o mineiríssimo Ciro dos Anjos, e artistas plásticos como Carlos Scliar e Bruno Giorgi. Em 1964, com a paranóia que tomou conta do país, a livraria foi arrombada, saqueada e queimada. Foi o fim da Anita Garibaldi, mas sobretudo o fim de uma época".

Acrescento:

1. O contista e tradutor Silveira de Souza, por então apenas João Paulo, ficava namorando um grosso exemplar da obra completa de Shakespeare, pois não tinha dinheiro para comprá-la. Então, o sócio e responsável pela livraria lhe fez a seguinte proposta: leva, porque, pelo jeito, ninguém mais está interessado, e vai pagando aos poucos, quando puderes; deve ter levado uns oito meses para pagar o livro.

2. Alguns amigos muito próximos tinham o hábito de subrepticiamente enfiar um livro dentro da camisa e sair. O dono da livraria, embora notasse, nunca teve coragem de lhes pedir que devolvessem.

3. A livraria Anita Garibaldi trabalhou muito com uma importadora chamada mestre Jou.

A experiência de livreiro me ajudou a ser editor.

Agora encerrando para valer: Em 1964, embora já não fosse de Armando Carreirão e Salim Miguel, a Anita Garibaldi continuava conhecida como a livraria do Salim. ⑦

SALIM MIGUEL

Nasceu no Líbano em 1924 e chegou ao Brasil com a família em 1927. É jornalista e escritor, com 30 livros publicados. Estreou em 1951 com *Velhice e outros contos*. É autor do premiado romance *Nur na escuridão*. Seu livro mais recente é *Reinvenção da infância*. Vive em Biquaçú (SC).

024: Editora

MIGUEL, Salim. Editora. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 2 de jun. de 91, pag. 06. Caderno Opinião.

Editora

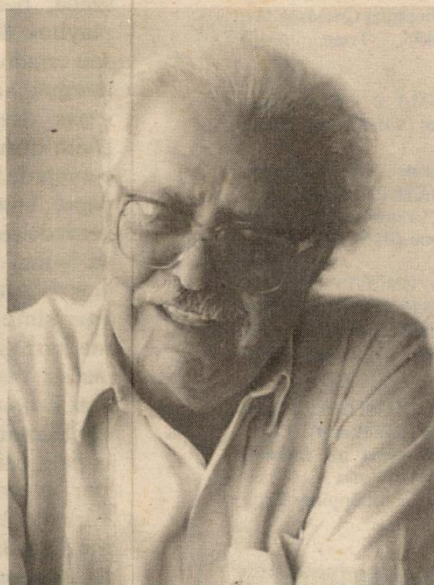
As informações veiculadas a meu respeito, no Visor (dias 29 e 30), não condizem com a realidade. A decisão sobre o espaço físico da nova sede da Editora da UFSC não me compete, mesmo que eu possa ter opinião divergente a respeito. E jamais usei a expressão “embargo”, nem isso existiu. O que eu declarei é que, como todo editor, tenho minhas frustrações, entre elas o não ter conseguido interiorizar mais, em Santa Catarina, os livros da Editora e não ter também viabilizado uma coleção de textos básicos, em diferentes áreas, que seriam solicitados a especialistas. Quanto à aposentadoria, ela decorre do fato de desejar me dedicar mais à minha obra literária e de acreditar em renovação.

Salim Miguel, Florianópolis

025: Na mesa de cabeceira

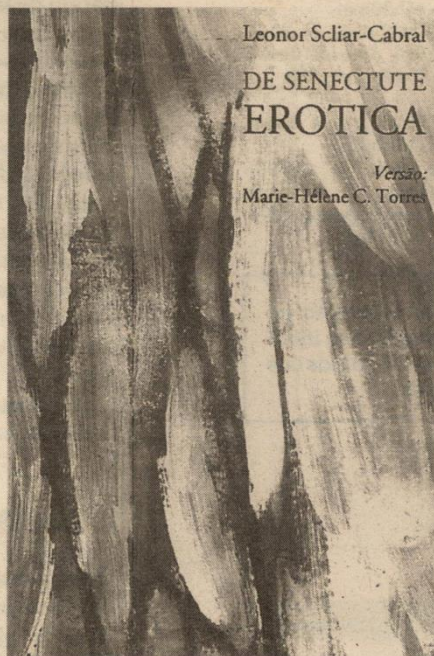
MIGUEL, Salim. Na mesa de cabeceira. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 6 de jul. de 1998, pag. 05. Variedades/Livros.

NA MESA DE CABECEIRA



De Salim Miguel, escritor:

“Já estou na idade dos reencontros e das releituras. No momento, estou relendo *O Agente Secreto*, de Joseph Conrad. Leio também um livro que me foi apresentado por Iaponan Soares, um ensaio sobre Cervantes chamado *O Dito Pelo Não Dito - Paradoxos de Dom Quixote*, de Maria Augusta da Costa Vieira. E terminei recentemente a leitura de *A Verdade e a Mentira - Novos Caminhos para a Literatura*, de Léo Schlafman, crítico e editorialista que integra a equipe do *Jornal do Brasil*.”



Leonor Scliar-Cabral

DE SENECTUTE
EROTICA

Versão:
Marie-Hélène C. Torres

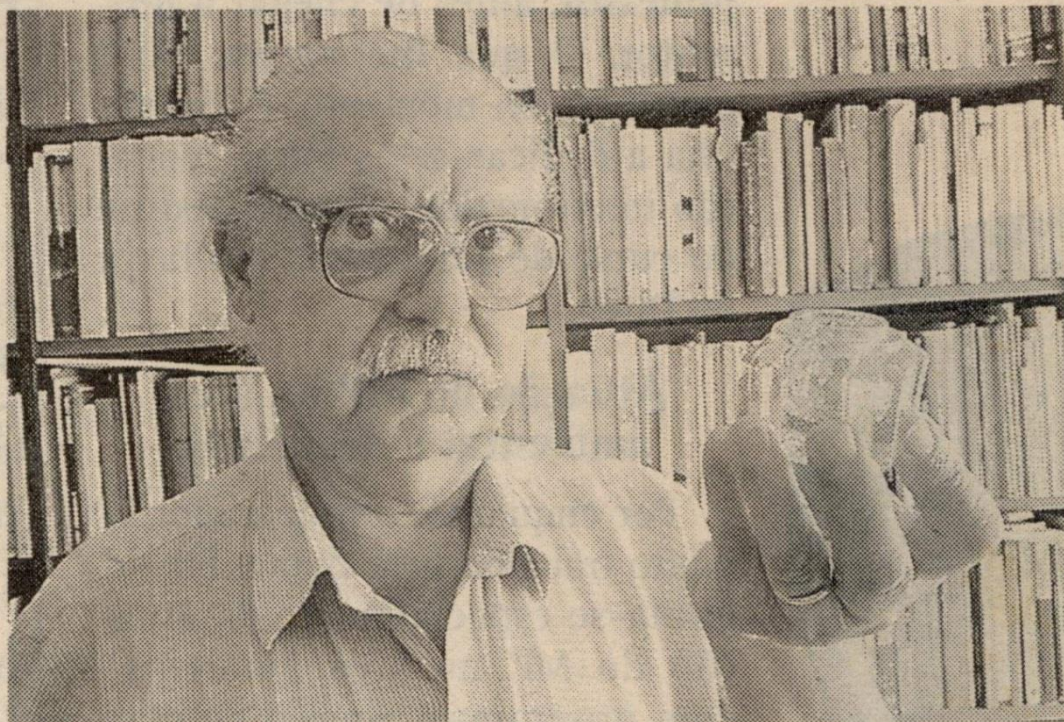
*De Leonor Scliar-Cabral,
poeta, tradutora, psicolin-
güista e professora univer-
sitária:*

“Além dos livros de leitura obrigatória para meu trabalho, estou lendo *A Musa Encantada*, prosa poética de Joaquim Brasil Fontes, um livro recém-lançado pela Editora Iluminuras. O autor é também tradutor, e já traduziu do grego a poesia de Safo. Embora pouco conhecido, é excelente, e tem influências de Cocteau e Proust.”

026: Espero que o próximo ano seja bem melhor para o Brasil...

MIGUEL, Salim. ESPERO que o próximo ano seja bem melhor para o Brasil... *Diário Catarinense*. Florianópolis, 30 de dez. de 2001, pag. 05.

FOTOS BANCO DE DADOS/DC



"Espero que o próximo ano seja bem melhor para o Brasil e o mundo. Este ano que está acabando foi muito ruim. Os números divulgados recentemente, demonstrando que só no Brasil 52 milhões de pessoas vivem abaixo do nível de pobreza são alarmantes. Os focos de guerrilha e guerra no mundo também são lamentáveis.

Gostaria que houvesse mais solidariedade, paz. Não dá para defender o que fizeram nos Estados Unidos, mas também não há defesa para os atos deles no Afeganistão. O melhor seria a paz entre os povos."

Salim Miguel

Escritor catarinense

Índice por ano

Past/n.	Título	Ano
002/007	O conto na literatura catarinense	1981
002/008	A simbologia dos naufragos na ficção de Mário Pontes	1981
002/009	Um sombrio e denso retrato de família	1981
002/010	Raimundo Magalhães Jr. A última visão	1981
002/006	Na ficção um testemunho da realidade	1982
002/002	Marques Rebelo	1983
002/003	Lembranças de Graciliano	1983
002/004	Ficção e poesia em Santa Catarina	1983
002/005	Características e ações das editoras de universidades	1986
002/001	Livro a nova rede	1986/1987
002/024	Editora	1991
002/011	Cartas ao Correio	1992
002/025	Na mesa de cabeceira	1998
002/012	Ascendino Leite, escritor	1999
002/013	Relendo Augusto dos Anjos	1999
002/014	Sartre em Florianópolis	2001
002/015	Um escritor de ficção	2001
002/016	Um almoço com Zé Lins	2001
002/026	ESPERO que o próximo ano seja bem melhor para o Brasil...	2001
002/017	Jorge Amado: maior prêmio do escritor é ser lido	2002
002/021	O fanático torcedor do américa	2007
002/022	Marques Rebelo, o centenário	2007

002/018	Machado de Assis ontem e hoje	2008
002/019	Ricos e famosos	2009
002/020	Um desafio permanente	2009
002/023	Livreiro aprendiz	2011